

N.º 10 ★ 10-3-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

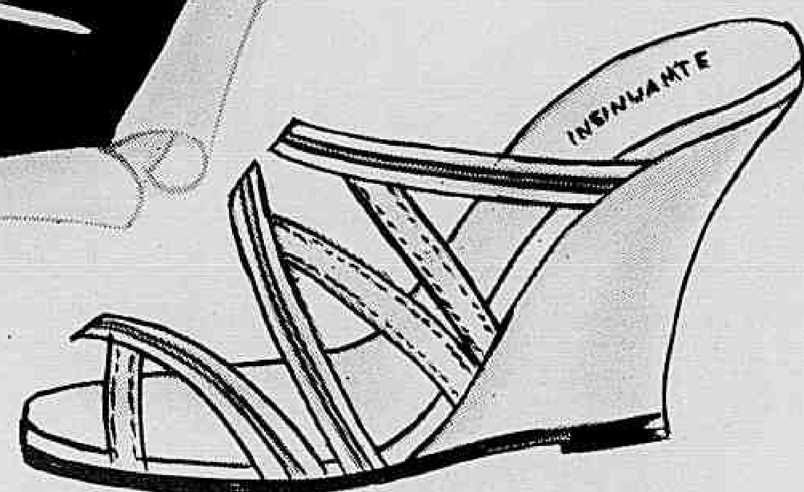
II número especial sôbre o Festival de Cinema em São Paulo — As "estrêlas" falam à CENA



169 Cr$ 200,00 e 250,00 — Respectivamente em uma só côr, (verniz prêto, pelica branca ou vermelha) em pelica branca com guarnições de pelica ouro. Lnidíssimo!... Uma maravilha!...

170 Cr$ 200,00 — Uma verdadeira obra de arte! Camurça branca, pelica côr de sangue ou envernizada. Um verdadeiro encanto!...

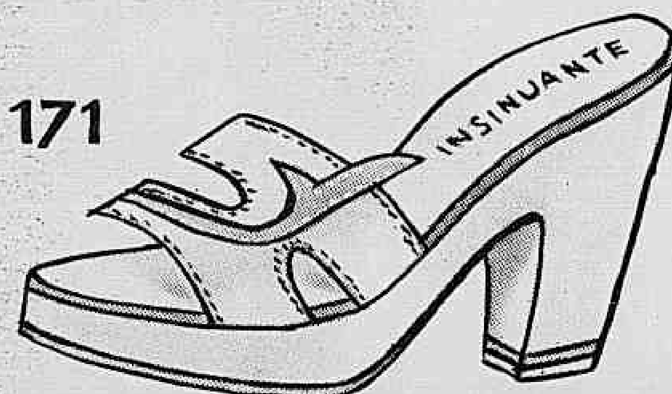
171 Cr$ 200,00 — Um tamanco delicado e maravilhoso! Em verniz com guarnições branca e vice-versa. Elegantíssimo!...



169



170



171

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMÉRICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

AT. SEMOO/.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil porte por par Cinco cruzeiros. Não fazemos reembolso postal.

A
CENA
MUDA

2ª EDIÇÃO ESPECIAL DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO

Fundada em 1921

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Nº 10, de 10/3/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

80 pré-estréias do Festival ... 3
12 entrevistas e muito movimento ... 6
Curiosidades e «close-ups» no Festival ... 10
Retrospectiva de Stroheim ... 16
Uma noite no Debret ... 20
Os últimos dias dos «astros» no Festival ... 22
Tomadas e panoramas ... 23
O Festival evoca o cinema antigo e brasileiro ... 31

PÁGINAS ESPECIAIS

As «estrêlas» do Festival ... 14

SESSÕES PERMANENTES

A novela das imagens (no Festival) ... 26
Cartazes em revista ... 32

A NOSSA CAPA

VERA ELLEN
(M-G-M)

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade ... 22-9570
Redação ... 22-4447
Gerência ... 22-8647
Administração e Contabilidade ... 22-2550
Portaria ... 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional ... 4,00
Número atrasado ... 4,50
Assinatura anual (52 números) ... 200,00
Assinatura semestral (26 números) ... 100,00
Assinatura anual sob registro ... 230,00
Assinatura semestral sob registro ... 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual ... 350,00
Assinatura para o estrangeiro semestral ... 180,00



A vida dos simples mais uma vez tese para o neo-realismo, em «Pão, amor e fantasia».

80 Pré-estréias do Festival (II)

COBERTURA CRÍTICA DE JONALD, C. MAXIMIANO E SANIN

ITÁLIA NAS JORNADAS

3—PÃO, AMOR E FANTASIA

O fio da história não oferece muita margem. Conforme tantos outros filmes do cinema italiano, vive muito da atmosfera descritiva. O roteiro é inteligente e bem favorável a escola do chamado neo-realismo. A trama fixa as aventuras de um oficial em pacata cidadezinha do interior. Farto das criaturas dos grandes centros e, sentindo aproximar-se os anos, procura uma eleita entre as jovens do povoado. E os sentimentos balançam entre duas delas. Tudo, afinal, pretextos a fim de descrever caracteres modestos, intentos satíricos, irreverentes e divertidos. Em meio de tudo isto, as crendices — o milagre de Santo Antônio — uma esplêndida seqüência. Há uma série de curiosidades típicas à povoação e também ao moderno estilo de narrar do cinema italiano, geralmente agradável, conforme ocorre nessa película. Não houve maiores pretensões, para um grande filme mesmo porque o diretor, Luigi Comencini — igualmente, o autor do roteiro — não pertence ao melhor grupo do cinema peninsular. Há quedas e ascenções no desenrolar mas, é inegável, prevalece uma irrefutável boa qualidade no conjunto. Diálogos saborosos, destacando-se os que tocaram ao padre por exemplo, quando incita os fiéis à comunhão. Notáveis caricaturas (aquêle trio de velhos, observando tudo o que se passa, inclusive um dêles, com um binóculo) merecendo, mesmo, uma análise ainda mais apurado.

O elenco contribui para elevar o nível do celulóide. Vittorio de Sica joga com a sua experiência e talento para satisfazer bem. Gina Lollobrigida o acompanha bem, adequada ao tipo que interpreta. Marisa Merlini, Maria Pia Casilo, Virgilio Riento e Roberto Risso mantêm a qualidade geral do transcurso. Fotografia bem funcional e louvável a partitura de Cigonini.



Alemanha: «Enquanto estás comigo».



Itália: «O sol nos olhos».

80 Pré-

A ITALIA NAS JORNADAS

3 — "VILLA BORGHESE"

Uma das muitas co-produções ítalo-francesas e uma das várias películas em episódios que têm sido realizadas ùltimamente pelo cinema. É sempre um gênero interessante, embora possa haver um desequilíbrio entre os diversos trechos determinado pela não total qualidade de cada conto.

"Villa Borghese" está entre os menos bons, mas não deixa de ser um filme relativamente interessante. Três de seus episódios são valiosos. Compõe-se de seis. Três dêles foram escritos por Sérgio Amidei, escritor de prestigio, que participou do festival. Os demais trazem os nomes de Ennio Flajano e Giorgio Bassani. O diretor é um apenas Gianni Franciollini.

"Villa Borghese" é um belo lugar de recreio na Itália, e cada um dos episódios se desenrola em um lugar diverso de "Villa Borghese". Franciollini apresenta aspectos vários do local antes de entrar na narração de cada um, e novamente descreve-os em sugestiva câmara, para ligar os episódios entre si. O primeiro apresenta sentido cinematográfico, e como os demais é extremamente simples, sem enroscamentos de história. Talvez resida aí a fraqueza da película: os episódios teriam de apresentar maior densidade e não o excesso de diálogos que revela. Dois contos são francamente desinteressantes, vivendo diálogo, que assume importância durante tôda a sua extensão. Com os três primeiros trechos, e o último, felizmente, isso não se repete. E encontraremos nesse terceiro, vivido por Vittorio de Sicca, um desenrolar interessante, que pode ser apreendido fàcilmente e satisfaz plenamente, pela história, pela direção e pela interpretação.

O quarto e o quinto episódios são os mais dialogados, especialmente êste último, um banal caso de separação entre dois amantes, interpretados por Micheline Presle e Gerard Phillippe (repetição de "Adúltera"). O episódio final é dos mais originais e narra a fuga de duas decaídas, uma delas vindo a se tornar "Miss" em um concurso de beleza. Em resumo embora relativo como argumento, "Villa Borghese" é uma película que pode ser vista. Atuam além dos atores citados, Ana Maria Ferrero e François Perier (no segundo episódio), Eduardo de Filipo (no quarto) e Giovanna Ralli (no último).

A ITÁLIA NAS JORNADAS

3 — "VESTIRE GLI INUDI"

A segunda experiência cinemaotgráfica, como diretor, do ator Marcelo Pagliero, conhecido fã de cinema desde sua interpretação, como o noivo de Ana Magnani, em "Roma, cidade aberta". Sua primeira incursão foi "A respeitosa", boa película, versão cinematogràficamente bem sucedida da peça de Sartre. Novamente Pagliero volta a trazer à tela uma peça de teatro. Agora de Pirandello, "Vestire gli inudi". baseada na idéia central da peça.

A cinematografia de Pagliero é menos fluente desta vez que em "A respeitosa", mas adequada à compreensão psicológica da trama. Há tomadas longas, alguns "closes" necessários de Leonora Rossi Drago apenas para efeito dramático. É interessante assinalar a divisão, em algumas cópias de filmes italianos exibidos no Festival, em "tempos". Aqui nesta fita, interrompendo um "flashback'" importante, para não voltar a apresentá-lo no segundo tempo. A continuação dêsse mesmo "flash" vem, porém, em um momento inesperado; é mesmo um dos bons trechos da película. Os intérpretes são franceses e italianos: além de Eleonora, que apareceu em um dramalhão passional, "A voz da carne", temos o ator Gabrielle Ferzetti (que foi o intérprete masculino de "Sol nos olhos") Pierre Brasseur e o norte-americano radicado na Itália, Frank Latimore. O fundo musical é em piano, insistente e monótono. Ótima fotografia, indicando progressos técnicos no cinema peninsular.

FRANÇA NAS JORNADAS

2½ — "LES ENFANTS DE L'AMOUR"

O cineasta Leonide Moguy se vem dedicando ùltimamente a temas de conteúdo social, debatendo problemas de importância. Em "Amanhã será tarde demais" debateu o problema da educação

estréias do Festival

sexual dos adolescentes. Em "Amanhã é outro dia". o suicídio. A primeira foi um admirável espetáculo, mas a segunda foi apenas razoável. Moguy, conforme vem fazendo também André Cayatte, procura temas construtivos, procurando seguir o verdadeiro rumo do cinema do futuro. Entretanto, embora bem intencionado, não foi feliz desta feita. Assim acontece seja qual for o ponto de vista tomado para o julgamento de "Les enfants de l'amour". Leonide Moguy apresenta o problema da mãe solteira. Não se pode dizer que foi bem logrado. Simplesmente porque não houve, sem dúvida, um bom conto para ilustrar o tema. A não ser que se apresentasse o "antes" da questão: os motivos que levam uma mûlher a errar; quer por ignorância, por imprudência, ou por culpa de uma educação errônea ou incompreensão dos pais. Ou, simplesmente, mostrando o lado sexual da questão. Moguy faz discursos por intermédio das personagens. Conta uma história tragi-cômica, faz drama (a morte de uma das jovens) aproveitando, para encaixar, um diálogo qualquer lamentando a existência do problema. Logo adiante resvala para o "antes", mas pàlidamente, como à guisa de desculpa. É o caso da mãe que não permite à filha ficar com seu "bebê". Aqui, a simpatia do espectador se volta para a jovem incompreendida por sua mãe, a qual representaria o motivo para o êrro cometido. Enfim, o filme não cresce embora o sadio desejo de causar o bem, devido à superficialidade do debate, à inconsistência do tratamento. Sòmente uma realização cinematográfica absolutamente excepcional poderia elevá-lo. Se a intenção valesse, talvez esta película lograsse seu objetivo. Porém, como os ensinamentos não despontam através da sugestão de imagens de fôrça, e, sim, por intermédio de excesso de diálogos, o resultado ficou incompleto.

MÉXICO NO FESTIVAL

2 – "A LOUCA"

"A Louca" é película mexicana, a primeira a ser exibida no Festival. É sofrível, mesmo em relação às outras de sua procedência. O início procura estabelecer confusão, como se fôsse um estudo mas, em planos falsos. Diz o filme: serão loucos os que estão dentro — do manicômio — ou os que estão fora?; Um epilético, ou um homem que se retorce dançando uma rumba ou um mambo. Há o que diz que a morte é a arma da justiça, e êle faria justiça, matando, na sua insanidade, um companheiro de hospício. E um outro, um juiz, que diz as mesmas palavras, "arma da justiça é a morte", sendo aplaudido! Enfim, analogias, de qualquer maneira, mas apresentadas de maneira deturpada, inconcebível mesmo.

O caso de loucura apresentado é o de Libertad Lamarque que perdera a noção do tempo, julgando ainda estar em 1936, vestindo-se à moda da época. No fundo temos ainda o novelismo, ao gôsto dos mexicanos. A interpretação da atriz é expressiva, e é o que escapa do filme. Há, apenas, tentativas de fazer-se cinema, mas a película se torna caricatural e alguns de seus atores, não convencem. O diretor é Miguel Zacarias, e os demais intérpretes são Rubem Rojo, José Linares Rivas e Alma Délia Fuentes. Depois de Libertad quem também consegue vencer as asperesas do entrecho e a superficialidade da direção é Linares Rivas. Título original: "La loca", México.

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

1½ – "ESCRAVOS DA BABILONIA"

É simplesmente infantil esta mania do cinema comercial americano de abordar temas biblicos, inspirados sòmente no espetáculo visual. Invariàvelmente, temos um mercado de escravos, as suntuosas roupagens das côrtes de antanho, as magníficas construções e as grandiosas cenas de batalhas campestres onde lanças, cavalos e espadas misturam-se na mais flagrante desarmonia. A falta de imaginação, maior responsável pelo descrédito dêstes filmes, se faz notar nesta produção de Sam Katzman denominada: "Escravos da Babilônia". Nem mesmo a boa qualidade dos cenários consegue iludir o espectador mais inadvertido. É flagrante o papel o telão teatral neste cinema que logrou ser considerado o mais anti-teatral do mundo.

Narra a história o desmembramento do Império Babilônico. Em conseqüência, a guerra movida pelo rei persa, Ciro, e a libertação do povo judeu, mantido cativo por Nabucodonosor. O tirano é apresentado não como a figura da extremada crueldade que o caracterizava mas, pelo contrário, como um rei bonzinho, um "papai noel filosófico". Seu protegido e fiel orientador, o profeta Daniel (Maurice Swartz) envia Nahum (Richard Comte) canastrão barrigudo, para descobrir o rei Ciro que êle Daniel havia lido nas estrêlas o seu destino messiânico. Nahum, depois de muito andar, descobre o astronômico personagem e dá-lhe tôda a pista. Este envia à sua mãe uma espécie de carta cifrada bordada pela madrasta. Aquela depois de um relance, em que revela toda sua perspicássia aceita Ciro de volta ao lar. No caminho para a Batalha, Ciro conhece a princesa Panthea, enamora-se da mesma e a confia à guarda de Nahum. Este, como estaria desocupado durante cinco dias, flerta

(Continua na pág. 24-25)



França: «Les Enfants de L'Amour»



México: «A louca».



As atrizes italianas deslumbraram pela sua beleza. Na foto: Leonora Ruffo, Maria Frau e Flávia Solivani.



Falou-se que o Festival era um recrutador de fracassados. Abel Gance, entretanto, surpreendeu pela sua inteligência e grande contribuição ao desenvolvimento da técnica cinematográfica, sòmente hoje avaliada em tôda extensão.

CANADÁ: NORMAN MC LAREN

AS SUAS REVOLUCIONARIAS IDÉIAS

Representante do Canadá ao Festival Internacional de São Paulo, tivemos ocasião de manter longa palestra com Norman Mc Laren. Os seus desenhos animados são totalmente diferentes daqueles que estamos acostumados a ver. Não emprega figuras, seja de animais ou objetos; apenas formas coloridas. Quanto à técnica também esta é totalmente diferente da empregada por Walt Disney ou qualquer outro produtor de desenhos animados do mundo. Em lugar do uso de complicados maquinários, de desenhos sôbre papel, realiza-os sôbre a própria película, empregando os mais estranhos materiais. Além de tintas, usa terra, pedaços de fios e tecidos, a fim de obter determinados efeitos. Isto dá uma feição original ao seu trabalho e também abre novos horizontes no campo desta arte.

Pintor à princípio, pertenceu ao grupo de pintores modernos canadenses. Freqüentemente ficava indignado com o estaticismo de seus quadros, isto levou-o a procura de movimentação e como Calder o conseguiu na escultura sem que seja considerado escultor, êle conseguiu na pintura sendo considerado um cineasta.

Disse-nos Norman Mc Laren que pinta diretamente sôbre o filme. A isto foi levado, por detestar os complicados maquinários empregados; além disso o desenho à mão sôbre o celuloide transmite ao espectador que o vê projetado uma sensação do trabalho executado pelo artista muito mais intensa que através dos processos tradicionais. Sua técnica revolucionária havia tido um precursor: o australiano Lenlye no ano de 1930.

Norman Mc Laren havia entretanto, tentado primitivamente amoldar-se às feições técnicas do desenho animado, empregadas desde os mais remotos tempos do cinema. Fêz mesmo alguns desenhos de grande sucesso, submetidos a essa maneira e, diga-se de passagem, conseguiram grande sucesso. Foi a série das "Canções Populares". A sua técnica, salienta Norman Mc Laren, permite à qualquer pessoa que disponha de alguns metros de película, um pouco de paciência e bom gôsto, realizar com um mínimo de despesas, um desenho animado.

Uma outra importante contribuição de Norman Mc Laren é o desenho animado em três dimensões, do qual é o precursor. Baseado em um princípio ótico muito conhecido, a estereoscopia. Entretanto, foi êle o primeiro à empregá-lo no desenho animado.

e muito movimento

Norman Mc Laren manifestou sua admiração por Emile Cohr, Alexander Alexief, Oscar Fishiner e Sonika Bô, com a qual pretende realizar pròximamente alguns filmes. Passando o Carnaval no Rio, aproveitará, para cujo tema, trabalhar, quando de sua volta ao Canadá.

ITÁLIA: SÉRGIO AMIDEI

GRANDESAS E MISÉRIAS DO CINEMA

Falando sôbre o Festival, salientou o fato de muitos terem a idéia errônea, de que um Festival é uma corrida internacional de cavalos de puro sangue. Não é essa a verdade, pois concorrem cavalos de todos os tipos e poucos são os de puro sangue se os houver. Falando do neo-realismo, definiu-o como uma crítica séria e necessária, frisando auxiliar os homens, que a seu ver, não encontram os seus próprios lugares na sociedade, existindo um desajuste. Explicou ainda que neo-realismo não é simplesmente filmar uma rua ou uma estrada com a sua poeira ou seu movimento reais. Isso é puramente arte fotográfica. Tolstoi em Ana Karenina pintou a sociedade daquela época e a função do realismo é retratar as verdades cotidianas um pouco avante dos personagens.

Com referência à concorrência norte-americana, disse que a Itália tem uma pequena, porém avançada indústria automobilística, cuja parte técnica, tem sido aproveitada pelos próprios americanos, que apreciam os Fiats, Alfa Romeus, Masseratis, etc. copiando o tipo esporte e as velocidades dos carros da Itália. Isso porém, não diminui a qualidade dos excelentes carros norte-americanos, que também são apreciados pelos italianos. O mesmo se dá com o cinema. Novamente perguntado sôbre o realismo ou surrealismo, não poderia o entrevistado dar uma resposta clara, pois o têrmo é vago por natureza. Tornou a falar da necessidade de uma crítica séria para colocar cada qual em seu lugar. Estabelecendo um paralelo literário falou do realismo francês e de sua grande tradição, retratando o realismo burguês. Salientou que nem todos considerados neo-realista o são e que houve exploração de mau gôsto contrabandeando um naturalismo não só cacête, mas pornográfico. Simpatizo mais com as moças da praça de Espanha, com os seus pequenos sonhos e ideais do que com os exageros das jovens do povo que são retratadas tôdas as vêzes que perdem um emprêgo como inevitàvelmente destinadas às casas de tolerância. Se essa fôsse a realidade da vida o mundo inteiro seria uma Casa de Tolerância.

Para ser realista é preciso duas coisas: 1.º Ter idéias claras. 2.º Amar as pessoas que vivem conosco.

ESTADOS UNIDOS: ERIC JOHNSTON

A 3.ª DIMENSAO, A CENSURA, PROTEÇAO E CONCORRÊNCIA

A concorrência verificada nos últimos tempos, tem resultado numa sensível melhoria nos níveis dessas produções. Afirmou mesmo, que a concorrência é muito bem recebida e é muito necessária. Quanto à interferência da Televisão no cinema norte-americano afirmou que o casamento entre ambos, será inevitável e que se dará por bem, ou por mal. Uma das grandes vantagens da concorrência, foi provocar uma série de inovações técnicas. Uma das inovações anunciadas foi o aperfeiçoamento do "magnetic tape", fita magnética que eliminará o celulóide. Em julho dêste ano, será adotado êsse processo que também permitirá retroceder o filme imediatamente, e projetará uma imagem mais perfeita. O novo sistema de iluminação foi aperfeiçoado, simplificando grandemente o sistema que é todo controlado por um simples aparelho na fôrma de um piano. Também falou da projeção da imagem inversa, isto é, por detrás da tela. A lente parabólica, como nos faróis de automóveis, dará uma imagem mais perfeita. É tolice dizer que o cinema estacionou. É tolice dizer que a indústria cinematográfica está em declínio. É tolice dizer que não há futuro para o cinema. As receitas nos Estados Unidos, foram êste ano melhores do que as dos anteriores. A receita em outros países foi melhor do que nunca. Com referência à Televisão paga pelos espectadores prèviamente, disse que também é inevitável a sua adoção, e êsse novo processo abrirá horizontes ilimitados para a indústria cinematográfica. Sôbre a preferência do público americano quanto a 3-Dimensão, Cinerama ou Cinemascope, afirmou que será adotada aquela que merecer a preferência do público.

A censura, a seu ver, deve ser a mínima possível e a indústria cinematográfica norte-americana, moveu grandes processos no Supremo Tribunal Federal contra a censura. Existe em Hollywood, o que é conhecido pelo "green office" ou seja a censura que é um código de ética, comparado ao código médico, etc. e que está sempre sendo modificado.

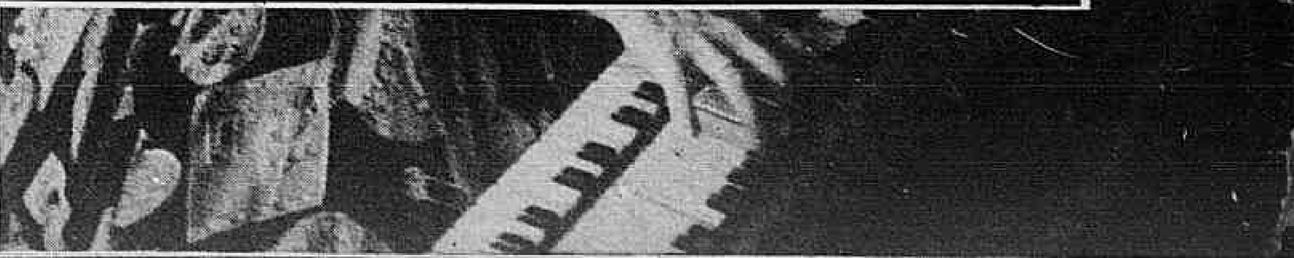
Um dos pontos mais importantes, foi levantado pelo próprio sr. Johnston. Informou que não existe nenhum subsídio ou auxílio do govêrno ou qualquer proteção que seja à indústria cinematográfica. Trata-se de uma indústria privada e que sempre se manteve independentemente sem qualquer interferência financeira do govêrno. O próprio Presidente Eisenhower é fã do cinema e faz questão de pagar sua entrada. Nos Estados Unidos, não existe regulamentos ou tarifas que dificultem ou impeçam a entrada de filmes o que não acontece em outros países onde os filmes norte-americanos são acrescidos de taxas especiais. Nos Estados Unidos os americanos anunciam às suas próprias expensas os filmes italianos, franceses, japonêses, Inglêses, etc. porque os americanos acreditam na livre concorrência, e declarou-se o sr. Johnston contra as medidas adotadas no Brasil ou em qualquer outro país, contra a entrada de filmes estrangeiros.



Numa noite de gala, posam para a objetiva, Flavia Solivani, Ninon Sevilla e Mary Gonçalves.



Cyl Farney e Fada Santoro, a dupla da casa, no último andar do Hotel Excelsior demonstram aos hóspedes os seus pendores musicais.



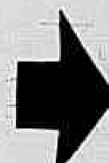


Rhonda Fleming & Cia. sendo atendidos por um serviçal vestido à caráter durante a festa na Fazenda Empireo.



Errol Flynn apossou-se do leque de uma atriz japonesa. Vê-se na foto tentando reavê-lo.

12 ENTREVISTAS e muito movimento



ITÁLIA: O DIRETOR PIETRANGELI

OS FILMES E O NEO-REALISMO

Ao contrário do que declararam os diretores de outras delegações, já entrevistados, o diretor Pietrangeli disse não lhe ser possível realizar um filme no Brasil, pois desconhecendo os costumes e problemas. seria êsse um filme falso, e o fator preponderante de um filme, é o de conhecer profundamente o problema, e a região em que se desenrola. Assim é que a organização onde produzem e dirigem, a Costellazine Filmes, fará uma série de filmes na Sicilia, terra natal de Pietrangeli e Vitorio Sala, explorando os temas da vida simples de seus povoados e os grandes problemas existentes debaixo dessa aparência pacata. Ainda há pouco, o filme "Vencidos", em que é cruamente demonstrada a situação da juventude da europa do após guerra, teve o mesmo objetivo, ou seja, demonstrar a realidade. Êsse filme, que contém três argumentos sôbre a juventude italiana, inglêsa e francesa, e a história de sua participação na guerra e o seu desajustamento do após guerra, foi censurado na França, no que concerne a juventude francesa, porém teve grande sucesso na Itália e na Inglaterra. Na opinião dos diretores e produtores italianos, não deve haver censura de forma alguma, pois os seus filmes apresentam fatos reais, presenciados durante a guerra e que só poderão contribuir para uma melhor compreensão entre os homens. Declararam-se ainda, fortemente contra as co-produções, pois a realização dêsses filmes é feita num ambiente de mal entendidos e dificuldades oriundas da participação de diversas nações que prejudicam a qualidade artística e técnica do filme.



Um grupo constituído de Joan Fontaine, Fred Mac Murray e June Haver durante a festa oferecida por Francisco Matarazzo às delegações.



Um grupo de convidados que compareceu à magnífica festa.



Fred Mac Murray e June Haver, vivem um romance fora da tela.

Falando do filme "Sole Negli Occhi", declarou Pietrangeli, que quisera mostrar ao público. a situação das empregadas domésticas, que acorrem aos grandes centros e na sua ignorancia não são auxiliadas pelos patrões e continuam a viverem num ambiente que não compreendem. A sua finalidade foi chamar à atenção, e focalizar a questão, fazendo ver as criadas e patrões, os seus erros.

Finalizando — disse — que muitos diretores atuais, iniciaram suas carreiras cinematográficas, como críticos e jornalistas, o que lhes facilitavam a auto-crítica.

ARGENTINA: DIRETORES LOFIEGO, CARRERAS, A. BÔ E NILSON

Ao contrário do que acontece entre nós, os argentinos, a titulo de incentivo aos diretores e produtores brasileiros, informaram que uma subvenção e a proteção à indústria cinematográfica nacional é indispensável. Sem essa proteção, nenhuma indústria cinematográfica poderá subsistir. Assim é que além de 60% que recebem os produtores por ocasião dos lançamentos e 40% quando os filmes são passados nos bairros e interior. Além disso é cobrada uma taxa de 40 centavos a mais nas entradas em benefício do fundo social e da produção. Essa taxa representa cêrca de 400.000 pesos argentinos por película. Há, ainda, 1% reservado para obra social do govêrno e dos trabalhadores. Declararam que as entradas são muito baratas, 4 pesos e 3 vêzes por semana 2.70 pesos e é essa a razão do desequilíbrio financeiro coberto pelo govêrno. Todo govêrno deve-se interessar pela sua produção cinematográfica. porque é essa a maneira mais direta e mais alta de difundir e propagar conhecimentos. Também como medida de proteção é determinada uma certa porcentagem de filmes argentinos apresentados obrigatòriamente. Os filmes estrangeiros são bem recebidos, bem como os nacionais. No ano passado 3 filmes argentinos e 2 norte-americanos obtiveram recordes de bilheteria. Produzem 60 filmes por ano e os filmes italianos são muito apreciados em Buenos Aires, mais do que no interior, onde domina o cinema argentino. Afirmaram que os brasileiros não devem desanimar. As dificuldades serão enormes, pois no início, a indústria argentina construiu estúdios e quebrou, mais depois se reergueu. Tiveram dificuldades com filmes virgens e chegaram a construir uma indústria para êsse fim, porém terminada a guerra resolveram o problema através de um convênio com a Itália.

GRÃ BRETANHA: HENRY CORNELIUS

"GENEVIÈRE" E O GRUPO 3, A NOVA GERAÇÃO BRITANICA

Dentre os filmes feitos por êle declarou preferir justamente "Geneviève". Foi êsse um dos filmes tecnicolores de mais baixo custo, jamais produzido. Sua filmagem ao ar livre durante o outono, o número reduzido de personagens, só quatro e principalmente a história, garantiram o seu sucesso. Em matéria de personagens, afirmou que vem trabalhando em sentido reverso, pois antigamente, nas telas pequenas, trabalhavam com 50 personagens. Atualmente, na tela panorâmica, a tendência é cada vez mais acentuada no sentido da simplificação, pois o seu próximo filme terá só dois personagens. Declarou que a indústria cinematográfica britânica melhorou muito a sua situação nos últimos anos, graças ao trabalho da nova geração, dos elementos novos que começaram suas experiências durante a guerra. Melhorou principalmente por causa de grande número de filmes bons e baratos que são bem recebidos na Inglaterra, cobrindo as despesas representando a sua distribuição no estrangeiro apenas o lucro. Essa nova geração trabalha sob a designação de Grupo 3.

Impressionado com São Paulo, manifestou a sua admiração por uma frase que passaria à adotar, quando a filmagem estivesse no ápice, quando todos já estivessem exaustos e neurastênicos, quando estivessem lunáticos e então diria **"Calma no Brasil"**.

Também admirou-se de tomarem os brasileiros café em xícaras tão pequenas, pois imaginou que, na terra do café, fôssem as xícaras bem maiores do que as da Europa.

Falando sôbre sua nova produção disse que está trabalhando e estudando a possibilidade de filmar o livre "The Lonely". Informou que o govêrno inglês não subvenciona a indústria cinematográfica, porém facilita empréstimos para o financiamento do último 1/4 da produção.

A despeito de suas declarações sôbre os filmes de baixo custo disse que a organização Rank está filmando na Itália uma produção grandiosa em tecnicolor, "Romeu e Julieta" e "The Cruel Sea" (o mar cruel). O seu novo filme, "The Lonely", será uma simples história de amor entre um pilôto norte-americano e uma moça da Escócia, que durante um fim de semana passam bons e maus momentos.

Definindo as obrigações de um produtor e um diretor, afirmou que o produtor se encarrega da administração e parte comercial e o diretor só da parte artística pròpriamente dita.

Quanto ao cinema norte-americano disse que produzem ótimos e maus filmes. A seu ver o melhor filme produzido no mundo no ano passado, foi um filme americano "Bood-By tittle Sheaba".

Tem grande admiração pelos diretores italianos de após guerra, principalmente pelos filmes de Rosselini e De Sica.

Quanto aos franceses, há 22 anos que procura fazer um filme da categoria de Jacques Becker.

Sôbre a possibilidade de serem filmadas as peças de Shakespeare, declarou que o sucesso de "Henrique V" resultou na produção atual de "Romeu e Julieta". Se o último fôr bem recebido, serão filmadas outras peças do grande dramaturgo inglês, porém êsses filmes são muito grandiosos e de elevado custo.

FRANÇA: JEAN PAINLEVÉ

CINEMA CIENTIFICO

Declarou o sr. Painlevé que a palavra "científico" tem sido mal empregada, pois os filmes documentários e filmes feitos por amadores que depois de viagens os exploram para conferências, não são absolutamente científicos e não podem ser considerados como idôneos. Exemplificou dizer que assistiu 5 vêzes o documentário de Walt Disney sôbre os pássaros. Trata-se de um lindo filme com fins comerciais, porém nunca poderá ser incluído na categoria de científico, uma vez que só podem ser assim considerados; aquêles que representam uma adição de conhecimentos às pessoas que os assistem.

A primeira preocupação do Instituto tem sido manter-se sempre em dia com as descobertas mais modernas no campo da cinematografia, de modo que possa usar as técnicas mais aperfeiçoadas no serviço das ciências. Todos os anos o Instituto organiza um Congresso Internacional apresentando cêrca de 200 filmes científicos. 25 países participam oficialmente, porém os Estados Unidos e Suécia, embora não sendo membros do Instituto, também enviam filmes.

(Continua na página 28)



Eric Johnsson, que falou a «A Cena»



Na hora da solene inauguração, Bl--n-chette Brunoy passou dificuldades para vestir o traje de noite. Afinal pediu socorro ao próprio pessoal do hotel e, assim, foi surpreendida pela foto. Origem de tudo: gulodice, engordou algo (!) desde Paris a São Paulo.

ERROL FLYNN: DE "MOCINHO" A VILÃO...

De todos os atores que nos visitaram, foi Errol Flynn o recordista de "casos" para as "Curiosidades e Close-Ups". Infelizmente, a maior parte dêles foi eminentemente reprovável. Desta maneira, o herói de tantas aventuras, na ficção das imagens, passou, na vida real, a um vilão ruim, conforme exemplificaremos:

O negócio começou na própria aeronave que o conduziu ao nosso país. Naturalmente, explicaram a Errol que havia uma melodia popular, em voga no Brasil, aquela de "as águas rolaram". O "astro" decidiu interpretá-la ao "pé da letra", lá mesmo, no avião. Resultado: ao chegar ao Rio, não pôde sair de bordo: tudo o que via era em triplicata! E foi apenas um pouco melhor dêste estado que chegou a São Paulo.

Os incidentes prosseguiram. Na "boite" do Hotel Esplanada, na madrugada de 24 de fevereiro, Errol portava-se mal, praticando excessos. O fotógrafo Henry Ballot, colhendo aspectos para reportagens, da revista em que trabalha, foi violentamente interpelado pelo "Capitão Blood". Tentou quebrar a máquina que foi, em parte danificada. Com tôda a sorte de ameaças, exigiu o filme. As ações se foram desenvolvendo tumultuosamente e da "boite" passou-se para a entrada, na rua, talvez para ficar mais movimentada e cinematográfica a briga. Entre o "agride e o não agride", houve intervenções de terceiros, particularmente de Jorge Guinle que foi quem conseguiu serenar os ânimos. Porém, o fato é que o valentão Errol violou as leis da hospitalidade que recebia e o fotógrafo, cerceado, acabou ficando sem o seu precioso filme.

Há certos castigos que surgem impiedosos, mas no justo momento. A reportagem de "A CENA" teve oportunidade de assistir a uma pitoresca punição ao irriquieto ator. Na véspera do encerramento da temporada do Festival, na entrada do Cine Marrocos, o público, curioso, procurava quebrar o cordão de isolamento, a fim de homenagear o "astro". Êste procurou, então, demonstrar a sua liberalidade para com a massa. Embora desaconselhado pela polícia, foi ao encontro da mesma. De início, começou apertando as mãos dos presentes. Depois, foi beijando as mãos e os braços das mocinhas. Procurando demonstrar euforia, dada a franca acolhida que estava recebendo, foi ao rosto de uma e aos lábios de outra. Aí, veio o castigo, irremovível: a jo-



Caldinho de arroz para a japonesinha... Os «pausinhos» ficaram em Tóquio.

Curiosidades e close-upS no Festival

de ROVLAND, exclusivo para A CENA

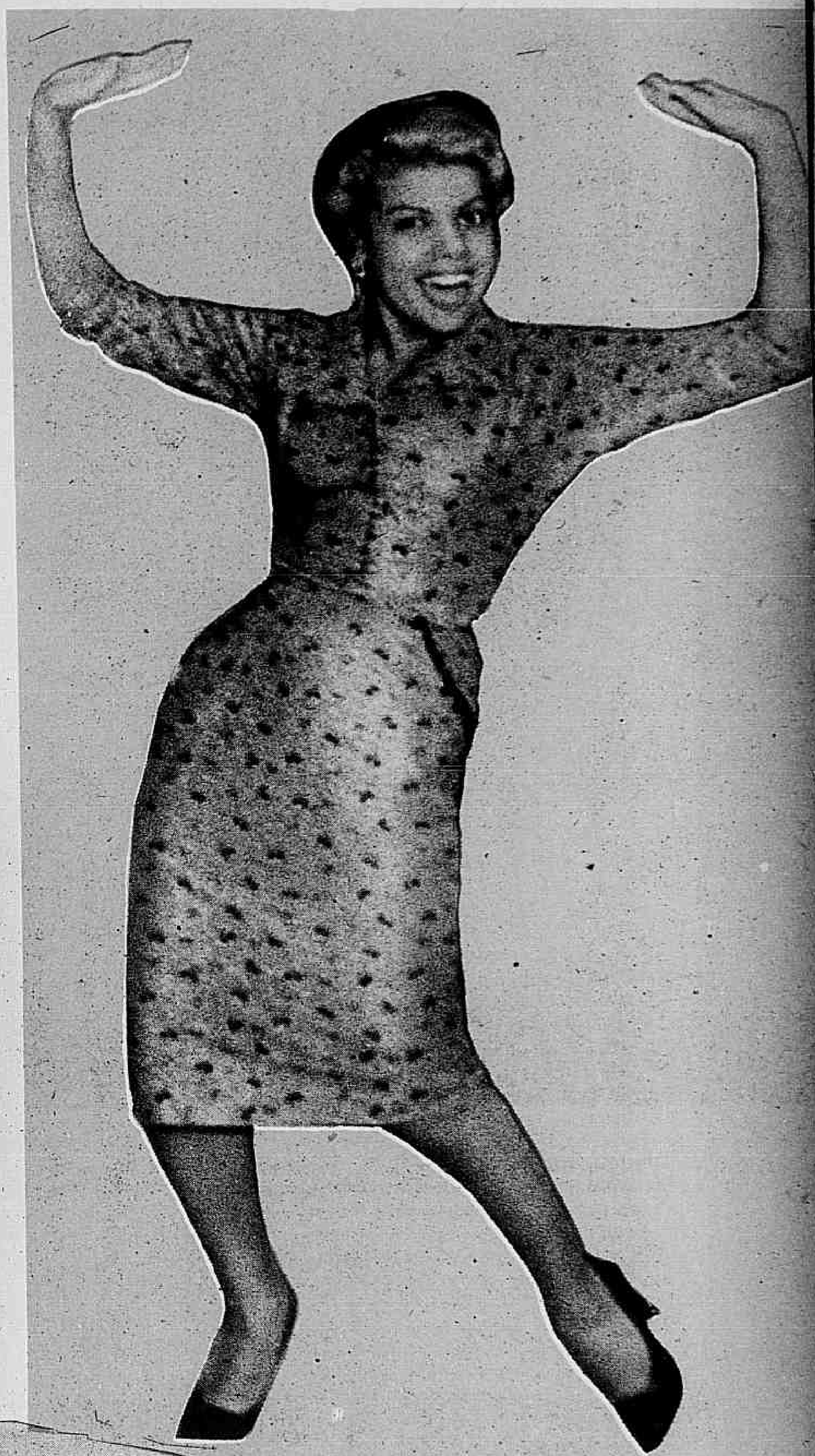
vem não teve dúvidas, aplicou-lhe uma rápida mas forte bofetada! Errol ficou aturdido mas, experiente com êstes revides femininos, não se pertubou. Mostrou-se bom ator fora do cinema, porque, a fim de diminuir a repercussão, procurou sorrir e tratar o caso como uma brincadeira... Entretanto, assim não pensou a mocinha, na sua justa reação. Enfim, um castigo em terceira dimensão.

* * *

BRIGAM OS COMPADRES E DESCOBREM-SE AS VERDADES...

Os poderes públicos também ofereceram assuntos para "Curiosidades". Por questões de rivalidades políticas que não vêm ao caso, enfim as eternas brigas dos "mandões", houve hostilidades entre fôrças do Govêrno no decurso do Festival. Assim, em plena realização dos espetáculos de cinema, nos Cines Marrocos (os filmes

No aeroporto, por ocasião da chegada, e tendo por base a demora da Alfândega, Ninon Sevilla deu um «show» na sala de espera. Mais tarde, um outro, o do roubo das jóias.



Lise Bourdin foi tomar banho de piscina e parece querer seguir o exemplo de Blanchette Brunoy em tôrno de gulodices.





oficiais) e Arlequim (as "Jornadas") ambos foram intimados a fim de diminuir os preços. Como ambos os cines tivessem sido alugados à Comissão Executiva do Govêrno bandeirante, afinal, o responsável pelo aumento de preços, não atenderam às intimações. Porém, continuou o choque entre os poderes. Assim, esquecendo-se de que haviam numerosas delegações estrangeiras, jornalistas dos principais países do mundo, certa tarde o Cine Arlequim foi fechado pela Coap que alegava ser indevida a cobrança de Cr$ 20,00 pelos ingressos.

Assim, espectadores e convidados do estrangeiro passaram por um dissabor! Tudo em vão, porém. O inevitável "arranjo" se fêz sentir entre as autoridades e, no dia seguinte, a Coap capitulava (afinal, não poderia ferir órgãos superiores) e voltaram a ser cobrados os vinte cruzeiros. A direção do "Palácio do Cinema" (o Marrocos), de acôrdo com a Comissão Executiva, foi mais hábil. A fim de evitar que deixasse de haver espetáculos no dia da referida intimação, um escândalo maior, sem dúvida, não cobrou ingressos ao público. Em lugar de Cr$ 150,00 (sessão noturna) e Cr$ 50,00 (vesperais) os bilhetes foram graciosamente distribuídos! Enfim, isto é o Brasil. Contudo, sempre cabe uma pergunta: êste clássico acôrdo entre os poderes públicos não poderia ter sido feito antes de ter início o Festival? Muito mais prático do que "lavar roupa suja" na frente dos outros. E a verdade manda dizer que a culpa não coube à Comissão.

* * *

PROCURAR LÃ E SAIR TOSQUIADO

O Conde Francisco Matarazzo resolveu efetuar, na sua célebre Fazenda do Empireo, uma grande festa. Tratava-se de evocar a vida colonial

Michel Simon ao receber o longo abraço da atriz brasileira Inalda de Carvalho, exclamou: «Assim valeu a pena vir ao Brasil».

CURIOSIDADES E "CLOSE-UPS"



Produtor, atriz e diretor: Cezareo Gonzales, Aracari de Oliveira e Lima Barreto durante o «cock-tail» que se seguiu à primeira exibição do Festival.



«Hay un rato en el hotel». Ninon Sevilla conta a Jonald de «A Cena», como foi roubada.

brasileira. O que foi esta revivescência, "A CENA" descreve, neste mesmo número, nas páginas 20 e 21. Todavia, houve diversas curiosidades em tôrno da mesma. Preliminarmente, dizia-se que seria uma autêntica repetição das orgias que, ùltimamente, célebres milionários, vêm realizando em várias partes do mundo. Errôneamente, muito gente apontou o distinto casal Ciccilo e Iolanda Matarazzo como êmulos de Jacques Fath, Marquês de Cuevas e, até mesmo, o Chateaubriand, quando da sua realização em Quitandinha. Acontece, porém, que não houve nada disso. Embora com muita gente e a presença de todos os "astros" · "estrêlas" presentes ao Festival. Porém, houve diversas pessoas que lá acorreram em busca do sensacionalismo que se anunciava. Justamente em tôrno disto contou-nos R. M., distinta jornalista da capital paulista. A certa altura da festividade, sem que se manifestassem os anteriores boatos, pôs-se a procurar algo de sensacional. Seria impossível que nada viesse a ocorrer de malicioso. Assim, pôs-se, a inspecionar os arredores. Quando já começava a desanimar do empreendimento, divisou uma casa branca, um tanto escondida, e uma porta que rangia, por estar entreaberta. A visibilidade da noite era precária e apenas chegando mesmo à entrada é que seria possível descobrir algo. Assim aconteceu. Porém, para incrível surprêsa de R. M., ao empurrar a porta, em vez de observar qualquer coisa do que procurava, encontrou, simplesmente, uma pequena e solitária capela, abandonada...

* * *

O CASO MAIS ENGRAÇADO DAS FESTIVIDADES

Durante o transcurso da festa da Fazenda do Empireo reproduziu-se, com muita graça, uma ocorrência de caráter anedótico. Em determinado momento, certo cavalheiro, integrante da delegação brasileira, já havia, embora discretamente, passado da "conta" em matéria de "drinks". Em certo momento, foi visto aproximar-se da piscina da fazenda, um local mais sossegado da grande festa. Chegando lá tirou, primeiramente a camisa, depois o relógio pulseira, o cinto da calça. Iria, certamente, prosseguir, devido às "alturas" em que se encontrava, disposto a um banho, de qualquer forma... Foi quando, delicadamente, aproximou-se do mesmo uma autoridade que, de maneira discreta, procurava contornar quaisquer imprevistos. Tanto assim que foi logo dizendo, precisamente quando o outro continuava em seus movimentos, de despojar-se de tudo...

— O cavalheiro está sentindo alguma coisa?

O interpelado arregalou muito os olhos, como se despertasse das suas estranhas intenções de evocar o paraíso e prontamente respondeu:

— *Nada disso. Estou procurando uma pulga na camisa...*

NINON SEVILLA E AS JÓIAS...

O furto de que foi vítima Ninon Sevilla mobilizou meio mundo. Tôdas as autoridades possíveis e imaginárias do Brasil. Polícia mexicana, especializada, Polícia internacional, um espalhafato incrível. Investigações em tôrno de hóspedes do hotel; até mesmo sigilosas, em volta de pessoas ligadas à Embaixada do México; prisões de empregados, etc. A "estrêla", por sua vez, acompanhou o seu drama de maneira exteriorizada. Embora não tivesse sido furtada de tôdas as jóias (levaram, apenas, oito milhões de cruzeiros) ficando, ainda, cêrca de dois milhões, Ninon, durante alguns dias, recebia o pessoal da imprensa sem qualquer adôrno. Passou a usar óculos escuros, apresentava-se sem pentear os cabelos, roupas escuras, etc. Claro que se deve lamentar o furto de que foi vítima. Entretanto, dos males o menor, deve ter pensado a popular atriz. Tanto assim que procurou dramatizar, pessoalmente, o ocorrido, com toques eminentemente clássicos ao cinema asteca. Mais tarde, refez-se. Passou a comparecer às festividades, voltou a exibir o seu sorriso bem como... as outras jóias. Entretanto, a sua contribuição ao drama já tinha sido feita e durou nada menos do que cinco dias.

* * *

OS ARDIS E A FRANQUEZA DE DÓRIS MONTEIRO

Dóris Monteiro, a personalíssima "estrêla" do nosso cinema é de franqueza a tôda prova. Ela mesma contou-nos uma autêntica curiosidade, ocorrida em uma das projeções oficiais do "Palácio do Cinema". Assistia a um dos filmes do Festival, em companhia de amigos, e a película era, precisamente, do cinema nacional e, de acôrdo com a sua opinião, muito fraca. Ao acender das luzes do salão, imediatamente ao se pôr de pé, Dóris esbarra com o diretor do filme, muito seu conhecido. Naturalmente que teria de dizer qualquer coisa. Porém, com a sua característica atração pela verdade, Dóris não pôde cumprimentar o diretor mas teve uma "saída", com as seguintes palavras ao diretor:

— Felicidades!

O diretor, aturdido, agradeceu sem saber, exatamente o que poderia significar "felicidades" se, afinal, o celulóide já havia sido estreado.

Na saída do Marrocos, reunida ao seu grupo, alguém perguntou a Dóris a extravagância do vocábulo "felicidades", tão sem propósito, ao que a "estrêla" respondeu:

— Sim, felicidades... para o próximo filme!

"estrêlas" JAPÃO





MICHIYO ARATAMA e FABUKI KOSHIDI

Para .muitos e, inclusive, subconscientemente até mesmo alguns «Comités» de Festivais de Cinema assim pensem, a preseiça de «estrêlas» japonêsas tem, pelo menos um interêsse decorativo. A presença de figuras do Oriente, com os seus trajes típicos, desperta, naturalmente, uma curiosidade sempre invulgar. Entretanto, esquecem-se muitos das reações íntimas das próprias artistas. Que pensarão as intérpretes do país do Sol Nascente a respeito? Elas, que são sempre alvo de motivos de curiosidades não terão, porventura, reações diversas aqui, no Ocidente, tão longe dos seus hábitos e costumes?

Fabuki Koshidi foi inquerida por A CENA sôbre qual fôra a sua maior impressão em tôrno da cidade de São Paulo e o seu festival. Sentiu-se fortemente perturbada com a diferença de costumes. Observadora, referiu-se ao

(Continua na pág. 34)

ESTADOS UNIDOS

do festival





JUNE HAVER

June Haver contou tanta coisa interessante para A CENA. A falta de espaço força que as suas declarações, com a justa amplitude, passem para o próximo número. Aliás, já conhecíamos a «estrêla» quando, por ocasião do 1º Festival de Punta del Este pernoitou, devido a um reparo no avião em que viajava, no Rio de Janeiro. Portanto, foi mais fácil obtermos uma palestra à altura da popularidade que desfruta entre nós.

BARBARA RUSH

Muito agradável, sempre sorridente, forma, com Jeffrey Hunter, um par acentuadamente simpático. Contou para A CENA que a sua primeira experiência dramática profissional foi em «Pasadena Playhouse». Fêz a sua primeira

(Continua na pág. 34)

RETROSPECTIVA STROHEIM

de JONALD, exclusivo para "A CENA"



Erich von Stroheim deu ao cinema americano uma nova feição, mas insistiu também, na morbidez e na crueldade.

ANTECEDENTES: SALES GOMES

A Retrospectiva de Von Stroheim foi um dos pontos altos do Festival. Conseqüentemente, justo seja inicialmente ressaltar os nomes dos idealizadores e responsáveis pela sua apresentação, a começar por Paulo Emílio de Sales Gomes. O ex-redator cinematográfico da revista «Clima» (1943), organizador, em S. Paulo, de um clube de cinema, na Faculdade de Filosofia (1944) e que, há perto de 10 anos, vinha residindo em Paris, contribuindo sempre em favor de movimentos culturais, prestou mais um relevante serviço à causa da arte. Foi Sales Gomes que acolhendo, na capital da França, a Pedro Gouvêa Filho e Almeida Sales, traçou, com os mesmos, todos os planos da Retrospectiva Internacional. E foi êle mesmo que contribuiu para abrir caminho, no Brasil, para os Festivais Internacionais de Filmes de Dança pois nunca será demais lembrar que, em 1951, conseguiu que a Cinemateca de Paris emprestasse ao Ministério da Educação o filme de Ana Pavlova. Essas exibições, que lograram tanto êxito, despertaram a flama para grandes iniciativas no setor da dança no cinema cuja glória de realização cabe exclusivamente ao Brasil. Agora, enfrentando uma série de dificuldades, contribuiu para que a Retrospectiva de Stroheim elevasse o nível artístico do Festival. Êle e seus colaboradores estão de parabéns.

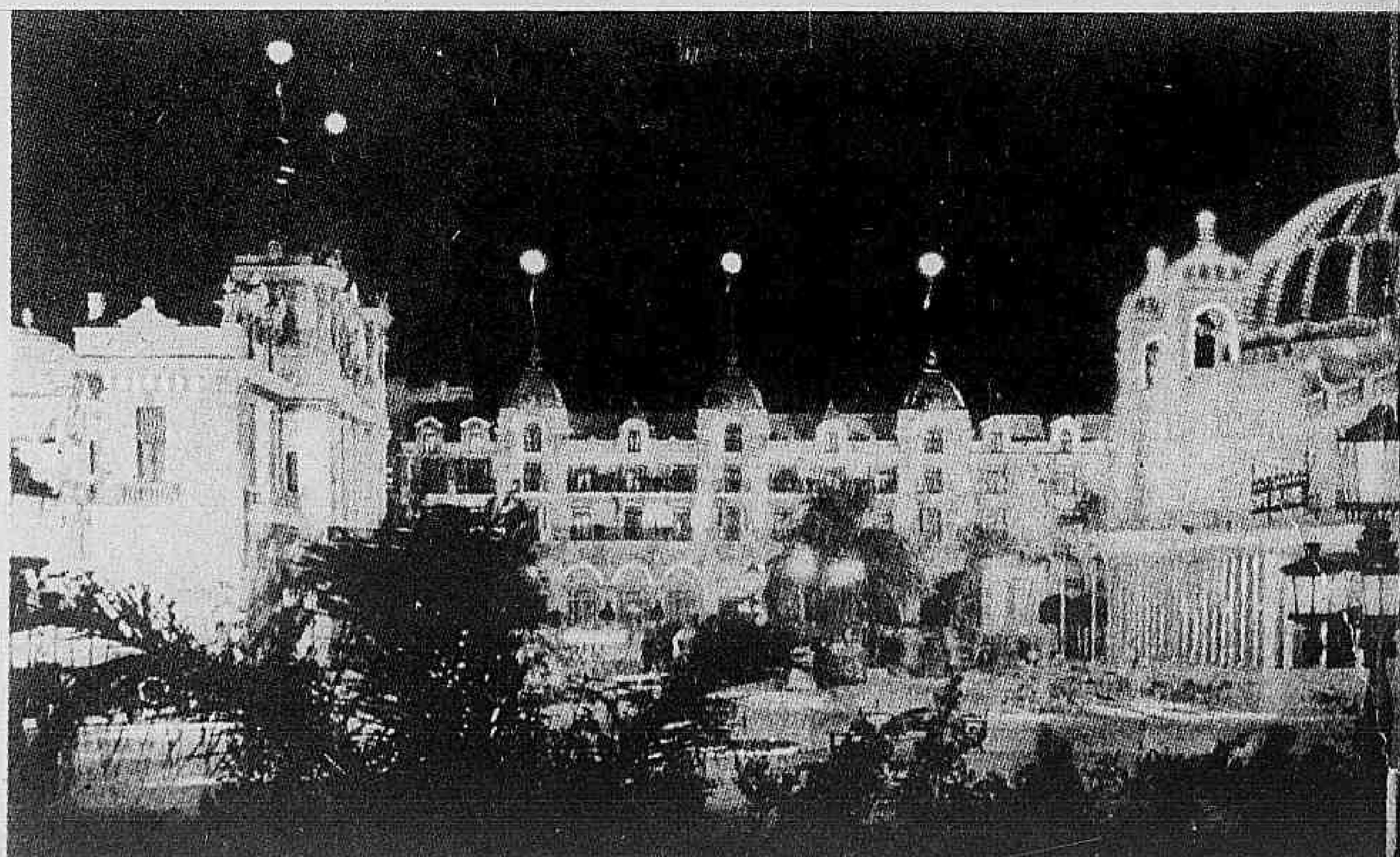
UM MESTRE NA FORMA

Em tôrno da trajetória de Stroheim podem ser tecidos muitos elogios e, também, restrições. De um lado, é impossível desmerecer das suas extraordinárias qualidades de diretor, intérprete, cenarista e, até mesmo, cenógrafo. No tocante à forma diretorial dos seus filmes, são irrestritas as reverências que a sua carreira merece. No tocante ao realismo ficou mesmo demonstrada uma das proposições da Retrospectiva: expor a analogia da sua escola com o neo-realismo do cinema italiano da atualidade. Em material de vigor descritivo, tendência ao simbolismo de expressão, determinadas características da sua influência no corte e «montage», não menor é o respeito que irradia o conjunto das suas obras. Se, efetivamente, através dêstes aspectos muito contribuiu para o cinema por outro lado, o do conteúdo, merece considerações de outra ordem.

NO CONTEÚDO, DIVULGADOR DE CRUELDADE E DE MORBIDEZ

Infelizmente, provoca um chocante contraste a obra de Stroheim, analisada em conjunto, no tocante ao conteúdo. Em tempos futuros, inclusive nos livros de cinema, dar-se-á um maior valor à análise do conteúdo exposto pelos cineastas. Enquanto as obras antigas preocupavam-se quase que exclusivamente com a forma, a tendência atual busca, pelo menos, uma ligeira mensagem ou algo qualquer de construtivo. Êste congraçamento, que tanto impulso vem tomando ùltimamente, não merecia, em outras fases, a mesma atenção. A apologia, nos velhos tempos em que Stroheim dirigia, era o culto da forma. Contudo, nada fêz o grande cineasta em favor de algo melhor para o espírito humano. Em linhas gerais há acentuados toques de morbidez, de crueldade e de acentuações de sexo em muitos dos seus filmes. Embora lenta e insidiosamente, progride o mundo no tocan-

O preço exorbitante dos seus filmes impediu outras realizações dêste cineasta. A «maquete» que aparece na foto, custou duzentos mil dólares.



te às conquistas interiores. Êstes problemas que, no momento, afligem, entre vários outros, a um André Cayatte, a Leonide Moguy, etc., foram sentidos, em menor escala, por muitos homens de remotas fases. Chaplin e Griffith, que foi o mestre e lançador de Stroheim (como seu assistente, em «Intolerância») revelaram conteúdos plenos de humanidade. Entretanto, em Stroheim, as características dominantes são preponderantes no mórbido, no cruel, no pessimismo. E êste é um ponto que tem sido freqüentemente esquecido, ao lado de tantos outros e merecidos elogios.



A primeira versão cinematográfica da opereta «Viúva Alegre» foi dirigida por Erich von Stroheim. Atuaram nesta película Mae Murray e John Gilbert.

AS REVIVESCÊNCIAS APRESENTADAS NO FESTIVAL

«CORAÇÕES DO MUNDO» (1919)

Produzida, escrita e dirigida pelo grande David W. Griffith mostra Stroheim em pequeníssima «ponta» aparecendo, fugazmente, por três vêzes, em uma delas, de costas, saindo de cena. Pelo lado de Stroheim, o único interêsse era o de mostrar,

«Marcha Nupcial». Neste filme Erich von Stroheim provou sua incapacidade de acomodar-se aos métodos industriais de Hollywood.

pela primeira vez, na tela, o tipo do oficial prussiano que, mais tarde, o tornaria célebre como intérprete, além da sua carreira de diretor. Sob o ponto de vista cinematográfico, é preciosíssimo o filme. A parte romântica, particularmente os idílios de Lillian Gish com Robert Harron são, ainda, admiráveis. Os trechos de cenas de combates de guerra (com algumas verídicas) serviriam, mais tarde, de ponto de partida e de incipação para «O grande desfile», «Sem novidades no front», etc. O que prejudica o celulóide, visto na atualidade, são as seqüências finais. Tôdas aquelas brigas e perseguições entre os heróis (o par Lillian e Harron) e os soldados e oficiais inimigos são tão absurdas quanto extensas. Ainda assim, são flagrantes do passado do cinema, reflexos de anseios de outrora. Enquanto isto, lá em cima, no balcão do Cine Marrocos, uma pianista dedilhava velhas melodias acompanhando, «pari-passu», as transformações do desenrolar — por vêzes tão bruscas, ou mesmo ridículas para os tempos atuais — com o espírito do passado. Além de Lillian, a figura da sua mana, Dorothy, merece grande admiração pelo que conseguiu obter na menina endiabrada.

OURO E MALDIÇÃO (1923)

Produzido por Samuel Goldwyn, em 1923, tinha, originalmente, oito horas de projeção. Êste exagêro de Stroheim, deixando de lado o poder da síntese, foi uma das causas (o alto custo outra) de ter a sua carreira de cineasta interrompida em Hollywood. O filme tem excepcionais momentos. A seqüência do casamento, entrosada com a do entêrro, é uma preciosidade antológica. Por outro lado, o estudo psicológico, o aproveitamento simbólico, em tôrno de recursos do cinema silencioso, tornam muito importante a película. Por outro lado, os defeitos apontados acima, a insistência do mórbido, da crueldade mental estão, infelizmente, bem límpidos. Certo que a essência é baseada em obra realista, a novela «Mc Teague», de Frank Norris, mas, com todo o extraordinário valor da forma, o conteúdo trai a marca tìpicamente sádica do estilo de Stroheim. Inesquecíveis são os desempenhos de Gibson Gowland, Zazu Pits e Jean Hersholt, no falso amigo de Mc Teague. Embora as ponderações ao conteúdo, uma invulgar realização.

A MARCHA NUPCIAL (1926-1927)

Em nossa opinião, êste o maior filme de Stroheim exibido na Retrospectiva. Devido ao excesso de metragem, os produtores dividiram as partes que foram aproveitadas, à revelia de Stroheim, em dois filmes: «The Wedding March» e «The Honeymoon», tendo sido apenas a primeira distribuída na América. No Festival, realizou-se a «première» mundial da cópia sonora. Com narrativa cinematográfica é um grande filme, com inesquecíveis passagens. Desta feita, Stroheim anexou um pouco de sentimentalismo, até então ausente, em volta do amor. A figura de Mitzi (Fay Wray, uma suave emoção) foi magistralmente composta e, de acôrdo com a opinião de Almeida Sales: «não apenas uma jovem mulher, sensível e delicada, mas o «eterno feminino», captado pelo cinema num dos seus momentos mais raros e excepcionais».

Com tôdas essas justas honras, prosseguiu a base, no conteúdo, de um realismo pleno de crueldade e, freqüentemente, de morbidez. Contudo, é uma obra que faz pensar tal a sua eloqüente linguagem de cinema. Ainda de Sales, no valioso estudo que efetuou: «O décor é funcional com o estado lírico e dramático das personagens e o jôgo dos primei-

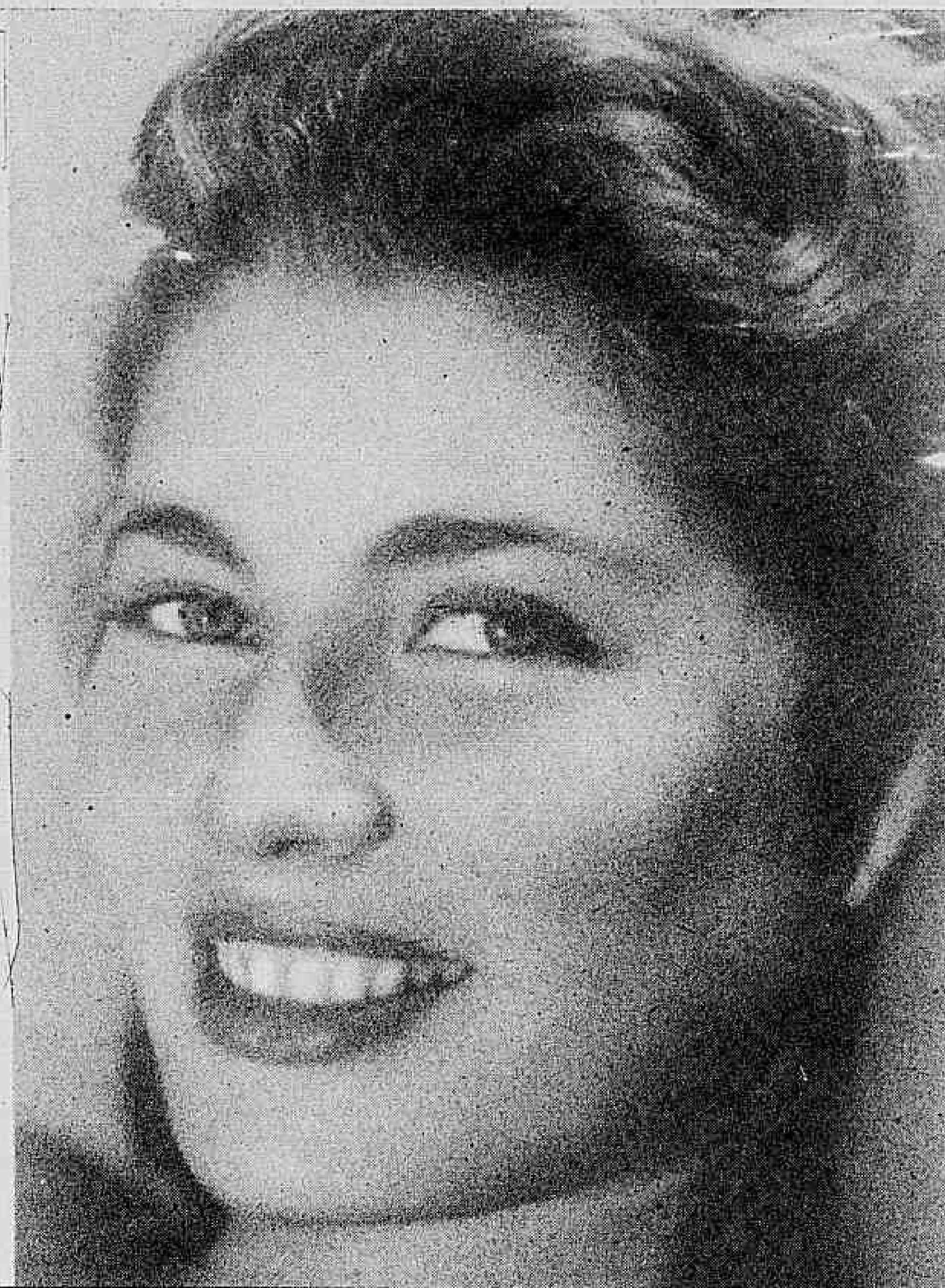
(Cont. na pág. 30)

«The Great Gabbo» — Erich von Stroheim desempenha o papel de um indivíduo de dupla personalidade. Uma cena dêste filme ao lado de Otto, o primeiro boneco falante do cinema.



"ESTRÊLAS"





FRANÇA

ETCHIKA CHOUREAU

— "Para lhe ser franca, o Brasil para mim foi uma decepção e uma surprêsa simultâneamente". Isto nos respondeu Etchoka Choureau, a francesinha de olhos azuis e transparentes, cabelos louros e longos negligentemente lançados sôbre as costas. Pelo seu porte, maneira de falar e vestir-se, lembra-nos antes uma colegial que uma atriz.

— "Devo afirmar, disse-nos a seguir, que na França, fazemos uma idéia completamente diferente do Brasil. Para nós, um país tropical tem necessàriamente palmeiras e coqueiros, uma paisagem verde exuberante, cidades pitorescas à margem de lagos azuis ou de praias infinitas e belas. Cheguei e vi uma florescente cidade, ocupada com seu desenvolvimento e, das cobras, tivemos apenas conhecimento através do Instituto Butantan que visitei.

Etchika Choureau desde criança determinou ser atriz. Fêz "ballet". Algo no seu físico lembra-nos a bailarina. Estudou arte dramática durante um ano com René Simon que exerceu um importante papel na sua formação. Provàvelmente deve a êle sua preferência pelo drama social; aliás teve ela oportunidade de manifestar sua predileção pelo teatro que "para um ator permite maior vivência dos papéis. Fará mesmo, quando de seu regresso à França, uma comédia "Si la Lunne Était Bleu", na qual terá como "partnaire" Claude Dauphin que já conhecemos através do cinema e do teatro.

O próximo filme em que Etchika atuará será "Mes 7 places", uma película baseada na vida de uma empregadinha que corre sete casas diferentes. Êste filme dentro da escola do neo-realismo italiano terá também como intérpretes Sophie Desmaret, Danielle Darrieux, Robert Lamoureux, Jean Richard e Fernand Gravey.

LISE BORDIN

Lise Bordin tem características próprias da mulher francesa. Olhos azuis, cabelos castanhos e bastante alegre. Contou para "A Cena" que a sua paixão, fora da tela, é a natação. Aprecia, também, o esqui aquático e a equitação. Em outro campo, tem séria inclinação para a música e os seus autores prediletos são Beethoven, Chopin, Lizst. A pintura também vem a seguir, na sequela das suas preferências, tendo especial admiração pelos mestres italianos. Nas horas de recreação procura, como uma espécie de fuga, o canto ligeiro e adora tocar guitarra! Conta que desde pequena revelou "sen-

(Continua na pág. 34)

DO FESTIVAL

ITÁLIA

LIA AMANDA

Já conhecíamos Lia Amanda através do Festival · Punta del Este, realizado em 1952. Naquela época era uma atriz recém-lançada mas, agora, com o real destaque que vem obtendo no cinema peninsular, se firmou definitivamente. Tipo clássico da jovem italiana, Lia mostra-se, agora, mais desembaraçada no convívio de um Festival. E, felizmente, não assumiu poses "estrelares". Ao contrário, continua cada vez mais simples e discreta. Falou a "A. Cena" sôbre a sua última filmagem: "" Conde de Monte Cristo", versão italiana. A intérprete de "Três histórias proibidas" — que o Rio ainda não conhece — de "Cento Piccole Madri" continua com a mesma ambição que já revelara no Uruguai: atuar em filmes musicados! Isto parece-nos um tanto estranho, uma idéia fixa e sem propósito, mas, afinal, são os desejos da "estrêla". Amanda teve ocasião, também, em outra palestra, de revelar os preferidos do seu país: diretores: Vittorio de Sicca, Lattuada e Genina. Atores: Maximo Girotti e Vittorio Gasman.

COSETTA GRECO

Contou-nos Cosetta que, devido a um concurso de beleza infantil, que lograra ainda menina, passara, naturalmente, a

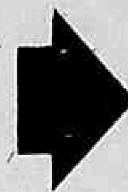
(Continua na pág. 34)





Uma noite de Debret

A CENA na recepção oferecida às delegações estrangeiras, pelo casal Francisco Matarazzo Sobrinho





Por SANIN, especial para a «CENA»



Irremediàvelmente ao lado de June Haver e sob os olhares de Irene Dunne, Fred Mc Murray preferiu destrinchar un peru a descascar um abacaxi.

Paralelamente às exibições de filmes, às entrevistas e tôdas outras atividades que caracterizam um festival, eram realizadas magníficas festas promovidas, ora por delegações ora pela sociedade de São Paulo. Os anfitriões foram igualmente perfeitos e acolhedores; não poderíamos dizer que tal ou qual coquetel foi mais simpático. A recepção oferecida pelo casal Francisco Matarazzo Sobrinho, revestiu-se entretanto de um caráter inédito e invulgar que convém ressaltar: foi uma festa tìpicamente brasileira.

Debret fêz-se lembrado nos trajes dos servidores da Fazenda Empireo que iluminada apenas pela luz de velas transportava os convidados para os tempos distantes da escravatura e dos senhores de engenho, tempo em que se consolidava o espírito da República e das tradições da família paulista, hoje orgulhosa dos seus 400 anos.

A festa, dizia-se, seria uma farra que arrepiaria os cabelos dos senhores Jacques Fath, Marquês de Cuevas com a reprodução-miniatura indígena o senhor Assis Chateaubriand.

— Imagine só! Essa gente tôda sôlta numa fazenda perdida lá no meio da cidade de Leme. Eu só queria ver...



Errol Flynn esbaldando-se num samba.



Ficaram famosas as ciumadas entre Rhonda Fleming e seu espôso. À margem da grande festa êle procura um canto para suas discussões enquanto ela procura conciliar...


O sentido agitante da Festa do Conde Matarazzo: Errol Flynn numa roda carnavalesca.

— Serão gastos dois milhões de cruzeiros!
— Dois o quê! Dez milhões!...
E os comentários precediam o acontecimento. Falava-se de cá, falava-se de lá e sempre acentuando-se o caráter e grandiosidade e de tolerância que provàvelmente a caracterizaria.

Chegou o dia. Na estação um trem especial aguardava os convidados. Artistas, delegados, jornalistas e "grã-finos" confraternizaram-se. Alegria, muita alegria!

Eis que chegam à Leme. Os habitantes da cidade em duas filas observavam o desembarque. Agora rumo à Fazenda Empireo. Ninguém escondeu sua admiração ante o bom gôsto e a sobriedade da decoração, ante o acolhimento gentil dos anfitriões.

Cocadas deliciosas preparadas por quituteiras baianas, orquestra de Georges Henry tocando frevos e marchas carnavalescas, um esbôço de Carnaval; diríamos melhor uma pré-estréia. Depois veio o cansaço, o banho de piscina e a volta. Na memória ficou a lembrança e uma agradável noite onde tudo fôra pontuado de elegância para desespêro das más línguas:
— Ora as más línguas, deixemo-las falarem!


Enquanto os outros pulam, o «gangster» Edward G. Robinson fala sôbre antiguidades.

AS "ESTRÊLAS" TAMBÉM DORMEM:


Leonora Ruffo: pés na cabeça do vizinho.


Lise Bourdin em sono sôlto.



Walter Pidgeon, no salão do Hotel Jaraguá, palestra com Rhonda Fleming. «A Cena» estêve na intimidade com os «astros» de Hollywood e, além das várias entrevistas divulgadas, em «Estrêlas do Festival», apresentará outras, no próximo número.

OS ÚLTIMOS DIAS DOS "ASTROS" DO FESTIVAL NO BRASIL

De volta de São Paulo tôdas as caravanas de "astros", que participaram do Festival em São Paulo, foram hospedados em Copacabana. Alguns no Excelsior, outros no Miramar e, a maior parte, no Copacabana Palace. No sábado, neste último hotel, foi realizada uma recepção cordial à imprensa. A nota destacada foi dada por Edward G. Robinson que, naturalmente preparado, com antecipação, falou em português! À noite dêste mesmo dia, os embaixadores do mundo do cinema tomaram parte, coletivamente, na festa de Carnaval do Copacabana. Errol Flynn trancou a espôsa no apartamento e foi sòzinho, divertir-se com Jane Powell (particularmente) e outros companheiros da delegação. Edward G. Robinson continuou dominando a situação, pois foi quem animou os cordões carnavalescos!



No domingo de Carnaval os "astros" passaram-se para Petrópolis onde tomaram parte no baile do Hotel Quitandinha. Enquanto a maioria das embaixadas chegaram cedo, a dos Estados Unidos, por razões que nos escaparam, sòmente alta madrugada é que deram o ar da sua presença. Afinal, o cansaço, àquela altura dos acontecimentos, já se fazia sentir. A animação foi geral e ininterrupta.

A segunda-feira foi a vez do Teatro Municipal. Todos foram fortemente aclamados à entrada do Teatro. A polícia de choque teve de usar (e abusar) de energia a fim de abrir caminho, por entre o povo, para o ônibus especial que conduzia os hóspedes do mundo do cinema. Com exceção de Ninon Sevilla, que "rodopiou" um pouco no salão, os outros se limitaram a "espiar" a alta confusão dos camarotes. Afinal, para quem chega de fora, o tumulto do Municipal deve inspirar mêdo!



Na têrça-feira, apenas uma parte das embaixadas (franceses, austríacos, portuguêses e alguns brasileiros) compareceram ao Casablanca onde assistiram ao "show": "Esta vida é um carnaval".

Na quarta-feira de cinzas a embaixada da França ofereceu um "cocktail" que teve uma seleta concorrência. Nem parecia cinzas... Dêste mesmo dia em diante começou o regresso. Uma parte, rumo a Mar del Plata e outra de volta aos lares, com as mais diversas recordações.





O Governador Lucas Garcez cumprimenta Edward G. Robinson. O ex-gangster, de tantos e famosos filmes, mostrou-se sempre muito amável para com todos. E no carnaval carioca, foi o único que aderiu fortemente ao samba e aos cordões das grandes festas em que compareceu.

Errol Flynn, que tanto quis demonstrar, que na vida real, é também, um moderno Capitão Blood, tantas fêz que acabou, por medida simpática, de amável proteção, sendo geralmente escoltado por uma guarda sorridente e precavida...

TOMADAS E PANORAMAS
do festival







As nossas «estrêlas» foram também distinguidas pelo grande público paulistano. Aqui está Josette Bertal, ao lado da senhora Ray Ventura, cercada pelos «fans», distribuindo autógrafos. Ao lado, vemos Edward G. Robinson procurando representar, em São Paulo, o papel de Santo Antônio casamenteiro, auxiliando o romance entre Fred Mac Murray e June Haver. Finalmente, o chefe da Embaixada da Itália, Anibale Cicluna troca idéias com Maria Ruffo e com Jonald sôbre «A Cena» é, também, sôbre o Festival brasileiro.

80 Pré-estréias do Festival

também com a princesa e como parece mais rei que o próprio Ciro, entusiasma a princesa, fazendo-a corresponder aos seus afetos transitórios. Depois da vitória volta aos braços do seu "amado" príncipe, enquanto que Nahum reencontra Rachel e termina o filme. Há, entremeando tudo isto, a infalível dança do véu, clássica em qualquer filme que se preze com ação no Oriente Próximo. Dirigiu, sem convicção, William Castle. Não conseguiu superar, com seu trabalho, a própria mediocridade dos intérpretes. O elenco é passivel, todo êle, de crítica assim como a autenticidade dos fatos, acomodados com as necessidades de espetáculo visual. Algumas incoerências para justificar tomadas submarinas, dão ao filme características mais precárias. O patético da loucura de Nabucodonosor torna-se simplesmente ridículo, isto sem falar em inúmeros outros detalhes que se perdem na vulgaridade estampada em tecnicolor de "Escravos da Babilônia". Título original: "Slaves of Babylon", Colúmbia.

JAPÃO NO FESTIVAL

3 — "A ESPÔSA"

O Japão é grande produtor de filmes, com uma elevada cifra anual de realizações. Para muitos, foi "descoberto" com Rasho Mon, a aplaudida obra de Kurosawa. São Paulo já o conhecia, embora as fitas tivessem repercussão apenas entre a colônia e alguns entusiastas de cinema. "A espôsa" pertence ao "ciclo" dos dramas sentimentais. Focaliza um caso de triângulo. A vida sempre igual do marido, aborrece a espôsa e suas reações não são firmes, embora sua vida seja aparentemente calma. Surge um romance entre o marido e a outra, uma viúva que tem um filho. O filme tem indiscutível valor cinematográfico, sentido humano, e revela um pouco da vida e psicologia japonêsas. É um drama intimista, narrado em uma linguagem de cinema tôda especial, adequada ao drama, de um ritmo lento. Há enquadrações excelentes, cortes inteligentes a fim de sugerir passagem de tempo. Há um grupo de bons atores, e uma excelente atriz que é Mineko Takamine, a espôsa do título, em esplêndida interpretação, com certos momentos particularmente notáveis. Ótima fotografia e grande música. Em conjunto, não pode ser catalogado entre as realizações de vulto do cinema nipônico mas revela inegável boa classe artística. Depois de Takamine — intérprete de "Entre o amor e a gratidão" e "Duas flores" — Ken Uehara agrada mais do que de outras vêzes. Completam o elenco: Yatsuko Taami e Michiyo Aratama que integrou a delegação do Japão ao Festival e é, apenas, uma sofrível intérprete. Em conjunto, não pode ser catalogado como das obras de vulto do cinema nipônico, mas é notória a boa qualidade geral.

MÉXICO NAS JORNADAS

1½ — "A MENTIRA"

Se "Sol nos olhos" nada apresentava digno de uma exibição de Festival esta "Mentira" lhe leva a palma por larga margem.

Que situações, que diálogos apresentam os mexicanos em suas fitas! Invariàvelmente, o sabor de novela de rádio está presente, e não falta nesta película. Conforme habitualmente, temos a dançarina; as cenas de "boite"; a música com relação ao estado de alma do personagem, etc. Quando o ator Jorge Mistral entra em um bar para beber, lá estão alguns cancioneiros a cantar: "Bebo para esquecer", ou coisa congênere. O diálogo apresenta coisas como: "êste copo é tão diáfano quanto Verônica"; ou então, uma galanteria dita por um francês interpretado por um mexicano: "... jogar flores pelo chão para que seus pés não se magoem!"... Acreditamos que bastam as amostras para uma idéia do mau gôsto.

A mentira do título é advinhada por todos. Lá pelas tantas, o galã, que é engenheiro, chega a um certo lugar no México e vem a saber do suicídio do irmão, causado pelo desprêso de uma mulher. Nosso herói decide vingar-se, e vai à procura da mulher. Não é preciso dizer que êle se apaixona por ela quando a encontra. Assim mesmo casa para se vingar, levando-a para o lugar do acontecimento acima citado. Mas, a espôsa era inocente. E os acontecimentos se precipitam. Mas de qualquer forma nem vale a pena tampouco continuar, pois o resultado de tudo é óbvio. Concluindo, "La mentira" apesar do disfarce, é mesmo filme mexicano com tôdas as limitações dêsse fraco cinema. Não se duvida porém do sucesso comercial. Os atores principais são Marga Lopez e Jorge Mistral. Direção de Juan J. Ortega.



Itália: «Napoletani a Milano».

MÉXICO NO FESTIVAL

1½ — "O MENINO E A NÉVOA

Com exceção de "A rêde" de Fernandez, nada foi-nos revelado nas apresentações mexicanas ao festival que o credencie como cinema de "boa qualidade". Abordam temas os quais são incapazes de desenvolver adequadamente. Ficam, apenas, no âmbito do bem intencionado, nada exibindo de positivo. Em "O menino e a névoa", adaptação de uma peça teatral de R. Usiglio, narra-se a história de um casal com filho e suas desventuras. A mãe (Marta), uma psicopata, sofria de inúmeros complexos de inferioridade. Agravava seu desespêro a loucura da genitora, que, provàvelmente, lhe tem sido transmitida por hereditariedade. O drama surge depois do casamento com o nascimento de um filho. Temendo que êste, mais cedo ou mais tarde resultaria um débil mental. Inicia-se, então, uma serie de conflitos entre os cônjuges. A mãe o queria esportivo e saudável. O pai, embora intervisse sempre com mais habilidade, desenvolvia no menino o amor ao estudo. Marta sentia-se entretanto despojada, fazia tudo ao seu alcance para atrair para si o domínio de Daniel. Provocando discussões com o marido diante do filho, êste, em conseqüencia, torna-se um hiper-sensível. Aparece em cena um antigo namorado de Marta que viera entrar em entendimentos com Guilherme, seu marido, a fim de adquirir um projeto comercial. Marta lança o seu ex-namorado e seu filho contra seu marido, resultando então um trágico desenlace.

Ao filme necessitava um desenvolvimento adequado, que R. Gavaldon não soube imprimir. O abandono dos longos diálogos, que apenas enfadam, dão uma monotonia invulgar à película. Embora os atores não estejam mal conduzidos, pois a grande Dolores Del Rio, no papel de Marta convence, mas isto não sucede com Pedro Lopez Ladar, em Daniel. Não conseguiu o adaptador estruturar os personagens em bases sólidas e autênticas e libertá-los das suas feições teatrais. São tipos mas não personagens. A fotografia de Figuerôa está irreconhecível; éste mestre do branco e prêto que tem valorizado tantas películas mexicanas com sua maestria não conseguiu dar mostras de seu grande valor. A música de Raul Lausta, usando e abusando da cabine de éco, como recurso mais fácil para sugestões de determinados estados de alma, é de uma incrível vulgaridade. A película de modo geral é um amontoado de lugares comuns que a caracterizam como um mal filme.



México: «Pórtico da glória».

A ESPANHA NAS JORNADAS

2½ — "CARNE DE HORCA"

Pouca coisa do cinema espanhol nos é dado conhecer, e o que é exibido não dá para têrmos uma idéia do que seja êsse cinema. Esta "Carne de horca" é como uma edição espanhola de uma fita de aventuras de "far-west", com bandos de assaltantes, caudilhos, etc. Nada apresenta como conteúdo, apenas conta sua história, nada mais. É uma narrativa feita por um velho contador de histórias através de desenhos que focalizam as diversas fases da história. A última cena é substituída pelo desenho correspondente, recurso êste curioso, revelando algum pensamento cinematográfico por parte do diretor Ladisláu Vadja, o qual se esforça por apresentar bom trabalho. Outra boa cena é a da destruição dos víveres e haveres de aldeões, mas acompanhada por um canto em violão que nos pareceu prejudicial para o efeito dramático. No elenco encontramos os atores italianos Rossano Brazzi e Fosco Giachetti.



Espanha: «Siempre Carmen».

Estados Unidos: «Escravos da Babilônia».

ESPANHA NAS JORNADAS

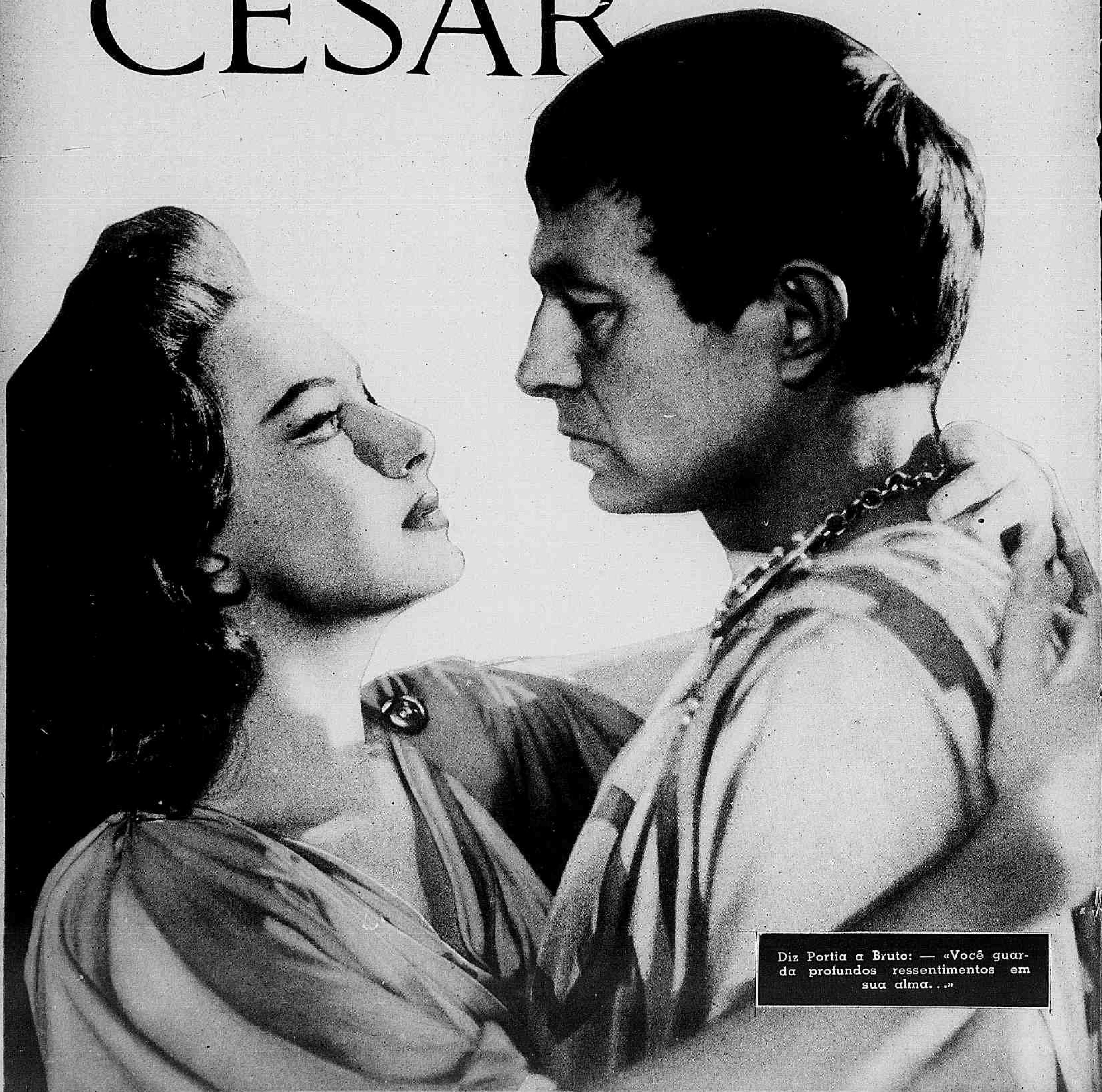
1½ — "FUEGO EN LA SANGRE"

Fraca esta fita espanhola de título tão enfático. Apresenta o "astro" português Antônio Vilar, vivendo um tipo violento e rude. A história é débil, apresentando, de entremeio, aspectos regionais de touradas, danças e lancinantes músicas espanholas, algumas com referência à ação. A cinematografia da película é gratuita, apresentando ângulos requintados, enquadrações preciosas, mas sem funcionalidade, como mero enfeite. O que enfraquece mais a película, que apresenta inclusive uma má gravação sonora e uma dublagem perfeitamente perceptível, especialmente quando alguém canta. Não é interessante nem talvez comercial esta película. Mais indicada para a colônia.

(Continua no próximo número)



"JULIO CESAR"



Diz Portia a Bruto: — «Você guarda profundos ressentimentos em sua alma...»

«O inimigo, em galante gesto, manda suspender a batalha sangrenta»...



César a Calpúrnia: — «Os covardes morrem muitas vêzes antes de sua morte...»



NOVELA DAS IMAGENS

LANÇADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

Roma no ano 44 A.C. era uma altiva e florescente cidade, prosperando sôbre os espólios das conquistas militares, aparentemente desfrutando de calma, mas trazendo dentro de si a revolta das dissensões políticas. Entre os nobres romanos havia verdadeiras lutas pelos cargos públicos e pelas posições de influência na República. Quando Júlio César apontou-se a si mesmo como ditador permanente, a efervescência cresceu. Adeptos de Pompeu, chefe militar rival de César e que há quatro anos havia perdido a batalha de Farsália, formam um grupo de conspiradores. Entretanto, havia também os leais e fanáticos seguidores de César, sua guarda pessoal, favoritos do ditador, de quem dependia sua sorte. O líder dêstes era Marco Antônio. Catão, um idealista, havia se suicidado em sinal de protesto contra César, por haver êste usurpado os direitos democráticos do povo. Os conspiradores fizeram de Catão o seu mártir. Bruto, genro de Catão, era o cabeça do grupo. Roma deveria ser palco de um terrível drama.

Tudo começa nos dias das famosas festas lupercais. Os cidadãos romanos desfrutando de um dia livre dirigem-se ao estádio para assistir aos jogos atléticos e, na passagem, adornam a estátua do ditador com flores e lauréis. Dois tribunos retiram as oferendas e chamam a atenção do povo por haver esquecido tão ràpidamente as vitórias de Pompeu. Os tribunas são imediatamente afastados pela guarda.

Dirigindo-se ao estádio, César é abordado por um adivinho que lhe diz: "lembre-se dos Idos de Março". Ignorando a advertência, César continua seu caminho entrando no estádio. Nas proximidades, Cássio tenta convencer Bruto de que deveria participar da conspiração. Sabia êle que a pessoa de Bruto viria dar ainda maior fôrça aos conspiradores, pois Bruto era considerado "um homem honrado e nobre". Durante os jogos, os adeptos de César oferecem-lhe, por três vêzes, a coroa real. César, aparentemente relutante, por três vêzes recusou-a. Parcialmente convencido de que o sangue de César deveria ser o preço da liberdade, Bruto dirige-se para casa.

Numa noite de tempestade Cássio, Casca e seus amigos reúnem-se nos jardins da casa de Bruto para discutir detalhes. Bruto concorda em que César seja morto, mas discorda da proposta de Cássio no sentido de matar também Marco Antônio. Aproximam-se os Idos de Março. Quando os conspiradores se retiram, a espôsa de Bruto, Portia, pede que êste lhe diga o segrêdo que o atormenta. Primeiramente evasivo, Bruto termina por relatar a conspiração.

A noite de tempestade também perturbou a espôsa de César, Calpúrnia. Ela sonhou que César iria ser assassinado e então pede-lhe que não compareça ao Senado naquele dia. Apesar de tudo, César decide ir. E' então que Casca, seguido de outros conspiradores investe contra César e o apunhala. Bruto é o último a feri-lo. Os romanos, inicialmente movidos pela oratória de Bruto, julgam que César fôra morto para que ficassem resguardadas as liberdades democráticas. Marco Antônio, que se havia introduzido entre os conspiradores, pede e obtém de Bruto permissão para dirigir-se ao povo durante os funerais de César. Com algumas expressões irônicas referentes a Bruto, como: "um homem honrado" e falando eloquentemente, Marco Antônio, gradualmente, muda a opinião do povo. Há uma rebelião. O povo espalha-se pela cidade e saqueia as casas dos conspiradores. Vem a guerra civil na qual a aliança de Bruto e Cássio fica abalada em consequência de um desentendimento havido entre êles. Marco Antônio une-se a Otávio César e dirigem-se a Macedônia para dar combate aos revoltosos. Após as primeiras batalhas, Cássio, profundamente desanimado, julgando que Bruto havia sido derrotado, manda que um dos seus servos o mate. Chega Bruto vitorioso sôbre Otávio César. A morte de Cássio o impressiona profundamente e atinge também o ânimo dos demais oficiais. O resultado não se faz esperar. Bruto atira-se sôbre sua própria espada, encontrando a morte.

Marco Antônio, diante do corpo inerte de Bruto, diz estas palavras:

"Dentre todos os nobres romanos êste era o mais nobre. Todos os conspiradores se revoltaram contra César por inveja, exceto Bruto. Só êle, ao juntar-se com os outros, obedeceu a um honesto pensamento. A sua vida é pura e os diversos elementos que constituem o seu ser encontram-se de tal forma combinados nêle que a Natureza inteira podia levantar-se e dizer ao Universo: Aqui está um homem!"



Bruto suicida-se, porém, para Marco Antônio, «êle foi o mais nobre dentre todos os nobres».

ELENCO:

Marco Antônio	*Marlon Brando*
Bruto	*James Mason*
Cássio	*John Gielgud*
Júlio César	*Louis Calhern*
Casca	*Edmond O'Brien*
Calpúrnia	*Greer Garson*
Portia	*Deborah Kerr*

FICHA TÉCNICA

Direção de Joseph L. Mankiewicz.

Produção de John Houseman.

Estúdio: Metro.

Música de Miklos Rozsa.

Diretor de fotografia, Joseph Ruttenberg.

Diretores artísticos: Cedric Gibbons e Edward Gargono.

12 ENTREVISTAS E M

(Continuação da página 9)



No «restaurante» do Hotel Excelsior, Fada Santoro e Cyl Farney desfrutam a magnífica vista.

Etchika Choureau, a graciosa francesinha, fuma um cigarro num intervalo da orquestra.



Respondendo uma pergunta sôbre como conseguir uma coordenação entre cientistas e cineastas o sr. Painlevé depois de explicar com certo bom humor que uns e outros se desprezam ou se aborrecem, disse ser indispensável haver uma compreensão dos interêsses de ambos, uma vez que o cineasta sabe melhor o que pode agradar ao público e não há interêsses em fazer um filme científico que só possa ser apreciado pelos cientistas.

FRANÇA: ANDRÉ BAZIN

O FESTIVAL DE S. PAULO E A FALENCIA DA INDÚSTRIA FRANCESA

A propósito dos filmes exibidos, afirmou que os filmes vistos por êle no Festival, tinham sido até agora mediocres, todavia à par dêsse aspecto desejava dizer que nenhum outro Festival, evidenciara um programa intelectual e cultural de tão grande alcance. O número de Conferências e as excelentes retrospectivas, o ambiente moral, intelectual e cultural do Festival de São Paulo destaca-o como o melhor dentre todos já realizados e terá uma grande repercussão mundial. Quanto à co-produção. embora concorde que seja uma solução para o levantamento de capitais, acha que os resultados são mediocres. A crise do cinema francês não é uma novidade, é uma crise à qual nós já nos acostumamos por ser crônica. Tem suas fases de elevação e de quedas.

A indústria cinematográfica francesa está muitas vêzes em vias de falência. A co-produção é uma solução para o problema financeiro, porém tira o caráter do filme. Sôbre a influência dos norte-americanos no cinema europeu, declarou que sòmente a parte técnica é muito apreciada e adotada, porquanto os filmes italianos do após guerra são filmes típicos e característicos da Itália e que

UITO MOVIMENTO

em nada se parecem com os filmes norte-americanos, assim como os filmes franceses. A difícil aceitação em alguns lugares do cinema francês, é devido ao fato de que se trata de produções muito intelectuais, muito literárias. cheias de sutilezas e nuances. Finalizando a entrevista o sr. André Bazin manifestou novamente a sua admiração pela esplêndida organização da parte cultural do Festival.

ESTADOS UNIDOS E FRANÇA

MESA REDONDA, COM MARTIN QUIGLEY JR., ABEL GANCE, ETC. EM TÔRNO DA PRIORIDADE DAS ÚLTIMAS DESCOBERTAS

Inicialmente, Simone Dubreuil, acompanhando o sr. Abel Gance, o velho mestre do cinema, pediu licença para explicar que, em 1926, fôra registrada em Paris a patente de 3 Telas e 3 Projetores como a cinerama atual, bem como o som estereoscópico em 1933 e sincronizou então o seu filme Napoleão. Ainda em 1927 êsse filme foi exibido em Paris, Roma, Londres, Berlim com enorme sucesso. O produtor Louis B. Meyer da MGM grandemente impressionado com êsse filme. comprou-o por um preço muito elevado, porém nunca o exibiu nos Estados Unidos.

Agora, depois de 27 anos os americanos apresentavam o cinerama ao público, como uma novidade. Informou o sr. Quigley que o procedimento do sr. Louis B. Meyer êle não poderia explicar. Todavia, podia afirmar que o cinerama apresentado na Broadway por Lowell Thomas, da radiodifusão em New York, nada tinha a ver com a invenção do sr. Abel Gance e era simplesmente o produto das observações, durante a guerra do arquiteto Walker e do engenheiro Waller, que aperfeiçoaram o processo treinando os técnicos das Baterias Ante Aéreas, usando 5 a 7 projetores num aparelho chamado "Waller's Aerial Gunner", para a localização dos alvos nos combates anti-aéreos. Não desmerecendo o reformado inventor Abel Gance. reconhecendo-lhe o grande mérito. declarou, porém, que não se tratava de prioridades e que cientificamente, muitas invenções foram desenvolvidas ao mesmo tempo em várias partes do mundo com a colaboração de muitos cientistas. Simone Dubreuil afirmou que os italianos inventaram o som estereoscópico em 1897 e o sr Quigley pediu licença para corrigi-la, dizendo que a primeira projeção de 3-Dimensões tinha sido feita na própria França em 1858 e não na Itália.

O sr. Abel Gance, não querendo prolongar a discussão sôbre os fatos históricos, anunciou aos presentes a sua nova invenção em conjunto com André Debrie que se destinava a revolucionar a indústria cinematográfica. Trata-se de Proterama. Com uma câmara só. um só projetor e o mesmo filme, com uma tela de tamanho variável, fará projeções iguais ao atual cinerama. Disse que inventara o princípio da cinerama para dar mais harmonia e beleza à projeção sem fins comerciais. As instalações do cinema Paramount em Paris, usadas em 1926, estão sendo usadas sem nenhuma modificação atualmente para a projeção de filmes americanos. Nessa altura informou o sr. Quigley que novo debate sôbre prioridades e patentes acabara de se estabelecer, pois o invento anunciado pelo sr. Abel Gance, como sendo patenteado há algumas semanas e pronto para ser lançado na indústria, havia sido inventado pela Marinha Norte-Americana, durante a guerra e que uma firma de nome Magna Corporation já havia comercializado o invento. Tratava-se exatamente do processo descoberto e anunciado pelo sr. Abel Bance, o que provava mais uma vez a dificuldade no estabelecimento de prioridades de invenções, numa indústria em que centenas de pesquisadores trabalham no mesmo tempo na melhoria da técnica. Finalizando o sr. Quigley disse que o Cinemascope terá forçosamente que melhorar a produção e os argumentos de filmes, pois o processo é muito caro para se arriscar em uma pelicula má. A estereo-tela anunciada como novidade russa, é muito conhecida e não foi usada porque implica na modificação dispendiosa das salas de projeção.

Declarou ainda que as novas técnicas acordaram o público em geral para os problemas do cinema e abriram novos e promissores horizontes para tôda a indústria cinematográfica mundial.



A sra. Ray Ventura, Josette Bertal, Ivan Desny e Ray Ventura no almôço oferecido pelo Governador Lucas Garcez.



Erich von Stroheim, Cavalcânti e Denize Vernac não quiseram saber de dança. Conversaram apenas.

O Governador Lucas Garcez em meio das duas representantes do Japão.





RETROSPECTIVA STROHEIM

(Continuação da página 17)

ros planos ditado pela necessidade enfática de comunicação». George Fawcett, Maude George, Cesare Gravina, Zazu Pits e outros completam o elenco. Curiosidade: Clark Gable aparece como «extra»!

«FOOLISH WIVES» (1921)

Stroheim havia feito êste filme para três horas de projeção. Embora êste tema de extensão já tivesse precedentes no cinema e, mais tarde, seria reafirmado («Gone With the Wind», «Hamlet», «Quo Vadis», etc.) não concordaram, entretanto, os produtores. A película foi cortada, sem a presença de Stroheim para menos da metade! Foi o seu primeiro filme de grande e custosa realização (um milhão de dólares, em 1921, constituía algo de descomunal). Da mesma forma, foi uma das suas películas em que as questões de sexo foram mais acentuadamente analisadas pelo seu absurdo ponto de vista mórbido. Com todo o seu aparato, inclusive a famosa reconstituição do Cassino de Monte Carlo, cuja foto está presente em um dos «clichês» desta análise, e mau grado as suas qualidades descritivas, está em plano bem inferior às suas obras de vulto.

A GRANDE ILUSÃO (1937)

O extraordinário filme, dirigido por Jean Renoir congrega, ao contrário dos trabalhos de Stroheim, conteúdo e forma. Trata-se de um filme mensagem em favor da paz mundial. O título reporta-se «a grande ilusão» dêste sonho e os acontecimentos seguintes, com a nova conflagração universal, veio confirmar «in totum» a tese da película. Ao lado desta preocupação, de ordem social, em favor de outrem, ainda é uma película que impressiona muito, embora tantas realizações posteriores, do mesmo gênero. Erich von Stroheim que, na categoria de intérprete foi, quase sempre, perfeito — convém lembrar, também, a genial interpretação do mordomo de «Crepúsculo dos Deuses» — tem um excelente desempenho de um típico oficial prussiano ao lado de Pierre Fresnay, Jean Gabin, Dita Parlo, Dalio, etc. Um elenco à altura do filme. A música de Kosma, o roteiro de Charles Spaack e Renoir, muito valorizam o conjunto.

«O GRANDE GABBO» (1929)

Através da direção de James Cruze, mesmo em relação à época, o filme não passa de sofrível. O maior interêsse é o desempenho de Von Stroheim. Personifica um estranho ventríloquo que transforma um dos seus bonecos (Oto) em pessoa humana, tornando-o o seu confidente. Embora em linhas transversas, algo semelhante ao que, muito mais adiante, seria visto em «Na solidão da noite» sem falar em outra derivação, muito mais leve, mas com o seu fundo humano, o de «Lili». Sem dúvida, foi incluído no retrospecto por causa do extraordinário trabalho de Stroheim. Não compensa o restante, embora o tão aproveitável tema. No elenco, o inolvidável Betty Compson — sem oportunidade — Donald Douglas e Helen Kane.

«A DANÇA DA MORTE» (1948)

Conhecíamos êste filme apenas através de referências de livros. Entretanto, grande foi a decepção. Fraca a direção de Marcel Cravenne e a história, baseada em peça de Strindberg porém muito mal transposta, por sua vez, tampouco chega a interessar. Os desempenhos, particularmente o de Stroheim, em mais um odioso caráter (a sua especialidade, tanto como intérprete quanto como diretor) sustentam o interêsse mas não podem quebrar a debilidade geral. Denise Vernac satisfaz bem, na espôsa sofredora.

«LE DISPARUS DE SAINT AGIL» (1938)

Outro filme francês inédito, apresentado a fim de mostrar a versatilidade interpretativa de Von Stroheim. Inspirado em apreciável romance de Pierre Very foi bem planificado pelo grande Jacques Prevert e razoàvelmente dirigido por Christian Jacque. Stroheim interpreta um professor de boa índole mas, dado os seus antecedentes de pérfido, o «suspense» das imagens é o público acreditar seja êle o culpado por estranhos acontecimentos decorridos em um internato de menores. A sua composição foge de tôdas as outras da sua carreira, residindo aí, particularmente pela sobriedade, o mérito de estudo dos seus desempenhos. Michel Simon, ainda sem a glorificação atual, vive um outro professor, com a maestria de sempre. Mesmo sem maiores pretensões, o filme, julgado em conjunto, está acima de aceitável.

Cena de «Blind Husband», com Gibson Gowland, Fracellia Billington, Sam De Grasse e Von Stroheim, em uma das suas clássicas atitudes.



Von Stroheim e sua espôsa, a atriz Denise Vernac, em foto colhida no Festival Internacional de São Paulo.





A saudosa pioneira do nosso cinema, Carmen Santos, ao lado de Luís Soroa, no filme do laureado cineasta Humberto Mauro: «Sangue mineiro».

O FESTIVAL EVOCA O CINEMA BRASILEIRO

(DE C. MAXIMIANO, CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Dia 17 — Prosseguindo na Retrospectiva, o Museu de Arte Moderna apresentou a película «O Comprador de fazendas», a primeira película dirigida por Alberto Pieralisi nos estúdios paulistas. A Maristela é a produtora da película. E' uma adaptação livre do conto de Monteiro Lobato, marca a volta de Procópio ao cinema, ao lado de Henriette Morineau. Constitui-se em um dos aceitáveis filmes nacionais. Revela o talento de Margot Bitencourt, apresenta Hélio Souto no papel título, Jaime Barcelos e Carlos Ortiz.

A seguir tivemos a primeira produção colorida brasileira, «O destino em apuros», uma fantasia copiada de outras películas do gênero mas a melhor fita saída dos estúdios da Multifilmes. A figura do destino é vivida por Paulo Autran, a principal figura da película.

Dia 20 tivemos «Presença de Anita» também produção da Maristela, que revelou as possibilidades de Ruggero Jaccobi como diretor de cinema. Foi a 1ª película de que participou Antonieta Morineau, filha de Mme. Morineau, tinha ainda Orlando Vilar e a ótima Vera Nunes, a melhor figura do elenco. Completou o programa o documentário «A marcha do cinema brasileiro», de Jacques Dezzelins.

Dia 21, uma importante mostra da Retrospectiva «Simão, o caolho», a primeira película dirigida por Cavalcânti no Brasil. Extraída das crônicas de Galeão Coutinho, é uma comédia de costumes apresentando aspectos da vida paulista. Revelou dois talentos: Raquel Martins e Carlos Araújo. «A metrópole de Anchieta», de Benedito Duarte, completou o programa.

Em substituição a «Tic-tico no fubá» tivemos «Maior que o ódio», a última fita de Anselmo Duarte na Atlântida e uma das boas fitas da filmografia de Watson de Macedo.

Dia 22 exibiu-se «Perdida pela paixão». Fernando de Barros, depois de ter-se revelado capaz como diretor, em «Caminhos do sul» não soube escolher essa história dramalhonesca, escrita por José Amádio. Apesar dessa grave falha há algo de bom, cinematogràficamente no início da película. Tônia Carrero viveu falsamente o seu papel, apresentando ainda o filme José Lewgoy e Jackson de Souza.

Foi «Brasa dormida», filme de Humberto Mauro, já exibido no dia 13 pela Retrospectiva, o programa da noite de 23.

Dia 24 foi apresentado um documentário intitulado «Aspectos do Alto Xingu», produzido por Manuel R. Ferreira para a Sociedade Geográfica Brasileira. Fotografia em Ansco-color. No programa, a curta metragem de Pedro Lima, «Nordeste».

Os programas de 25 e 26 são «Canção da primavera», de 1923, dirigido por Igino Bonfioli e «Tormenta», de 1930, direção de Antônio Serra.

O FESTIVAL EVOCA O CINEMA ANTIGO

(DE C. MAXIMIANO, CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Da Alemanha, dirigido por Walter Ruthman, tivemos, na Retrospectivo Internacional, «Berlim, sinfonia de uma cidade», cuja segunda parte apresenta excelentes momentos de cinema. O cinema português estêve presente também, com a exibição de filmes primitivos de Portugal, e «Aniki Bobo», filme moderno, de 1942, sób a direção de Manuel de Oliveira.

Eisestein foi revivido pela Retrospectiva, com a projeção de seus clássicos «Outubro», trechos de sua obra-prima de montagem «O encouraçado Potenkim» e «Que viva México», filme que êle não pôde realizar integralmente e do qual restam apenas trechos.

Do cinema russo tivemos ainda as películas «A Mãe», de Pudovkin e «A terra», obras antológicas.

Prosseguindo exibiu-se o admirável «Aurora», de F.W. Murnau e «Vento», de Victor Sjostrom, o diretor de «A carroça fantasma». Vemos nesta obra a luta de uma mulher contra o vento.

Dia 27 projetou-se «L'Age D'Or» e a obra surrealista «O cão andaluz», ambas de Luiz Buñel, diretor atualmente radicado no México.

E com a exibição no dia 27 de filmes primitivos norte-americanos encerrou-se a Retrospectiva, uma das maiores manifestações culturais do Festival Internacional de Cinema do Brasil.

AS DUAS IMPRESSÕES DOMINANTES

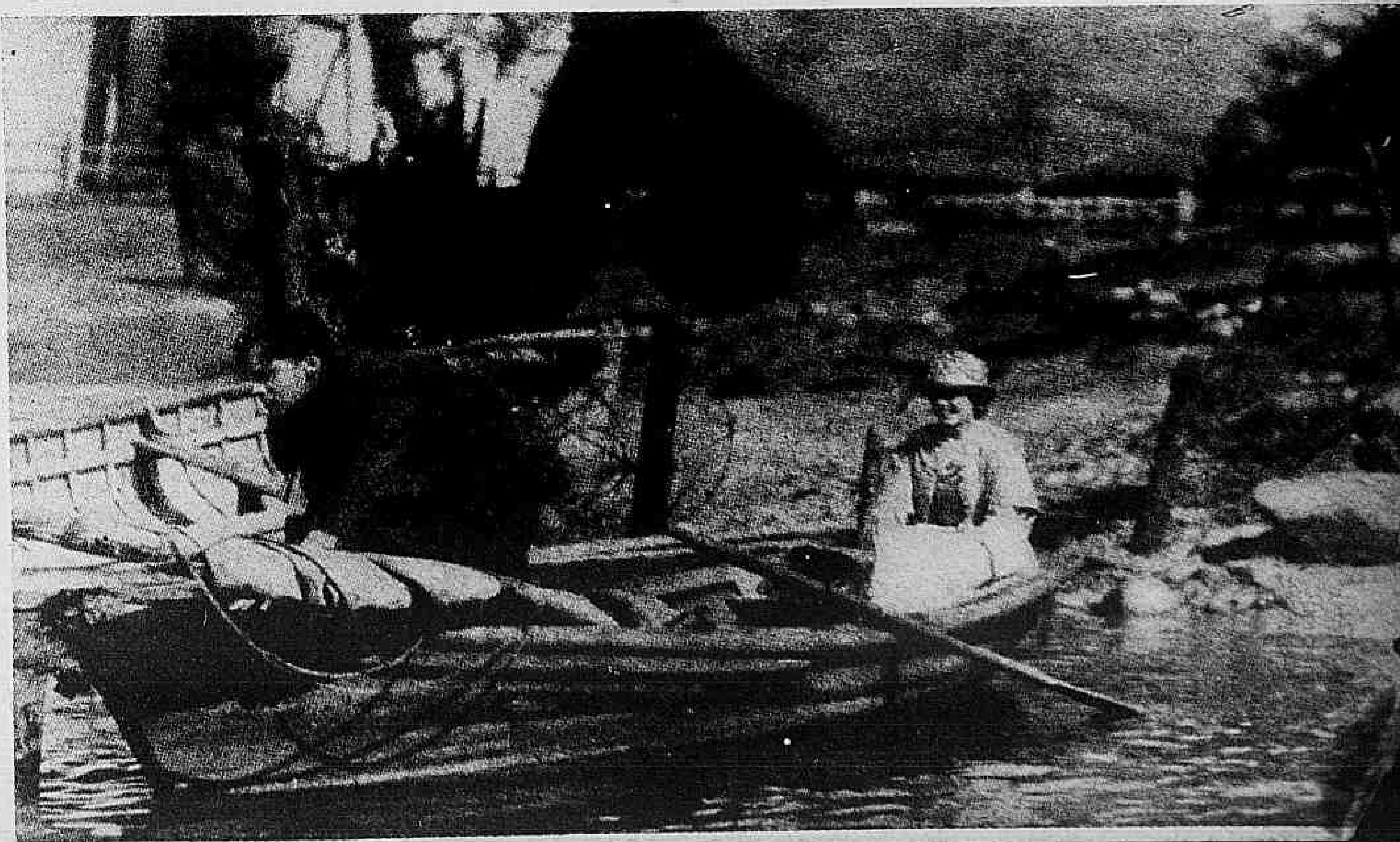
«A AURORA»

E' o primeiro filme de Murnau nos Estados Unidos, segundo depoimento, a sua primeira parte é nitidamente pessoal, mas, a segunda é visìvelmente influenciada por Hollywood.

«O VENTO»

«Realista no estudo, forte na ação dramática, foi um dos melhores filmes de Sjostrom nos Estados Unidos».

O famoso celulóide «Aurora», de Murnau, do cinema silencioso, com Janet Gaynor (presente ao Festival) e George O'Brien encerrou a evolução do Retrospecto Internacional.



Orientação de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em S. Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 1 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; e 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

A ESTREAR NA PRÓXIMA SEMANA (DIA 15)

2 ½ — "QUERO-TE, MEU AMOR"

O filme gira em tôrno da vida matrimonial e pré-matrimonial de um escritor e sua espôsa. A técnica de narração é a do «flash-back» (invariàvelmente êles são iniciados e terminados à base de janelas molhadas pela chuva que cai), com o depoimento de amigos do casal. Não é uma história nem original nem muito interessante, que não se firma em uma linha nem dramática nem humorística. Há porém recursos forçados para fazer rir, e toques de sentimentalismo. Temos no elenco elementos de valor: Jean Simmons, recém-saída de um excelente desempenho em «Alma em pânico», e Monica Lewis, ótima cantora e boa atriz, que estreou de forma notável em uma comédia de Red Skelton, «Desculpe a poeira», em um papel de «vamp», e que aqui interpreta outro papel do gênero. Victor Mature, que vive o escritor, tenta ser o quanto possível natural, com razoável êxito. Embora a inconsistência geral, o celulóide poderia ser melhor se não fôra a direção ter sido entregue a Roy Rowland. Excetuado um belo filme que conseguiu com Margaret O' Brien, «Roseirais em flor», foi sempre declinando. Não se destacam os demais, onde encontramos Jane Darwell, Monica Lewis e Mary Jo Marajo. Título original: «Affair With a Stranger», RKO.

PRÉ-ESTRÉIAS DA SEMANA COM INÍCIO A 8

2 — "SUA EXCELÊNCIA A EMBAIXATRIZ"

Baseada em peça de teatro musicado: «Call Me Madam». Foi representada durante dois anos seguidos, na Broadway. Aproveitando êste êxito, a Fox contratou também a «estrêla» da mesma, na ribalta, Ethel Merman, anexou o «technicolor» e com um especialista do gênero na direção: Walter Lang. O assunto gira em volta de um dêsses reinos imaginários em que uma princesa — Vera Ellen — está sendo forçada a casar contra a vontade mas tem o mau gôsto de preferir Donald O' Connor, o aborrecidíssimo. A parte de Ethel é caricata, procurando o humorismo fácil, mas não chega a cansar. George Sanders é o ministro do fictício reino. Tem, inclusive, ocasião de cantar no filme. E, diga-se de passagem, o faz horrìvelmente. Na sessão a que assistimos, ouvimos uma das maiores vaias da história do cinema, precisamente na última seqüência do filme. Apesar de tudo, o filme, como musical, tem os seus aceitáveis momentos. O melhor trecho é a figuração coreográfica da canção «Okarina». No setor de bailado ligeiro, está bem identificado com as imagens. No mais, o transcurso é leve e sofrível, sem aborrecer, inspirado naquele mesmo gênero que o cinema falado inaugurou com «Alvorada do amor». Contudo, é necessário pedir desculpas a Lubitsch pela citação. Estaremos perdoados? Título original: «Call Me Madam». 20 th. C. Fox.

2 — "A BORRASCA"

Um filme com um bonito, suave e agradável colorido. A música também exata e linda. O elenco com alguns bons atores como James Stewart e Dan Duryea. Um bom diretor, Anthony Mann. Entretanto, falha, pois está assentado em bases positivamente precárias, que são o argumento e o roteiro cinematográfico. O argumento é mau e não melhora em nada quanto mais se desenvolve a trama. Pelo contrário, piora em progressão geométrica. É sempre estritamente comercial, com vista à bilheteria. Não que se possa condenar um filme por tentar ser acessível para o público, mas é que os acontecimentos são tão pouco inspirados que a fita se torna desinteressante. Anthony Mann nada nos apresenta de marcante, sua direção é insuficiente para salvar o espetáculo. Êle só apresenta bom filme quando o argumento é de qualidade. Os atores não se destacam, e Duryea e mais Henry Morgam, que aparece em uma ou duas cenas, têm papéis péssimos. Outros sem serem bons atores têm papéis igualmente péssimos, por fôrça do enrêdo sem graça de John Michael Hayes. Título original: «Thunder Bay», RKO, a estrear 2ª feira no Plaza.

LANÇAMENTOS DA SEMANA INICIADA EM 1 DE MARÇO

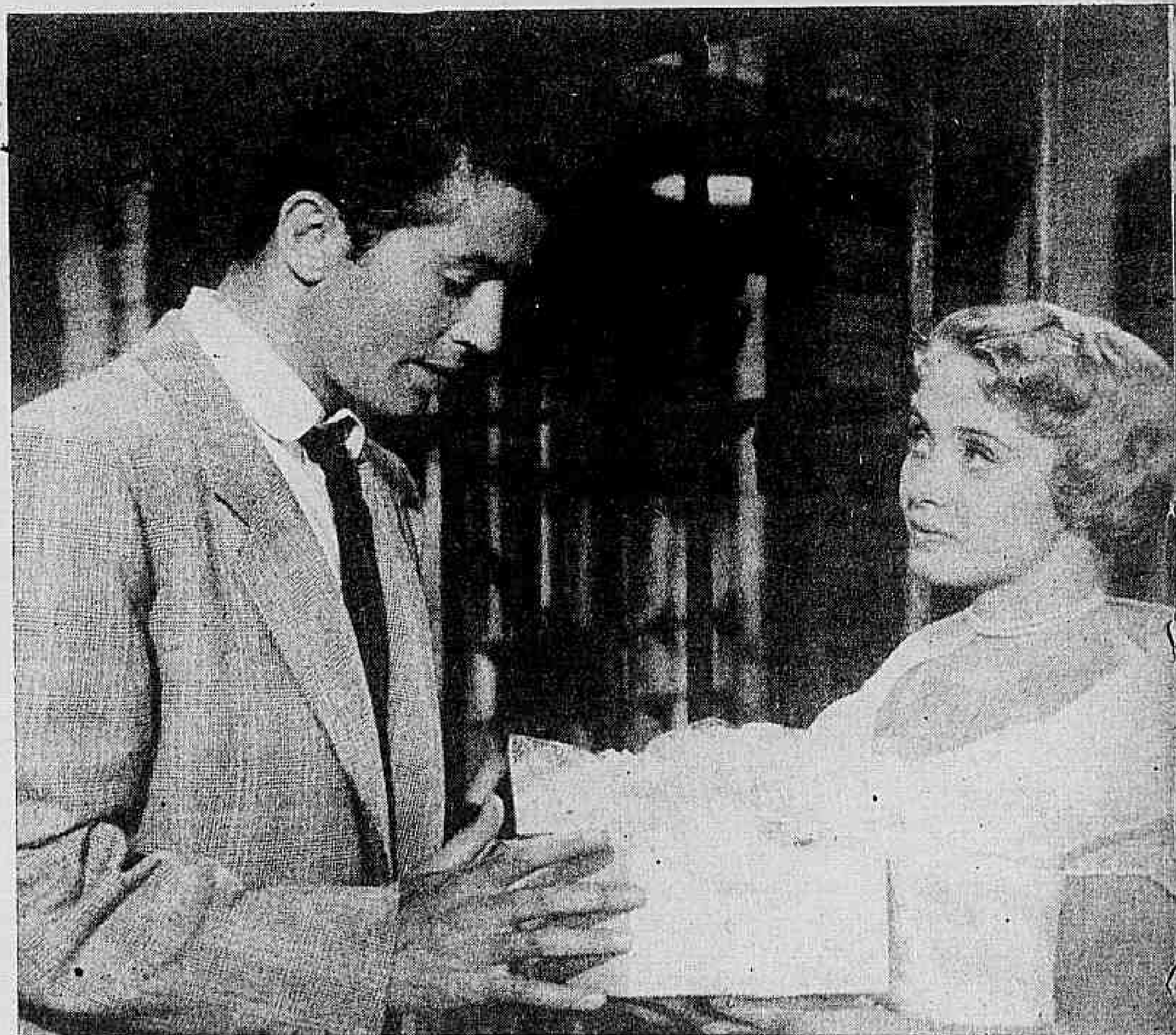
4 — "A GUERRA DOS MUNDOS"

Na seção de Pré-Estréias, que tanto vem sendo louvada pelos leitores, foi, antes do seu lançamento em São Paulo e no Rio, êste filme minuciosa-

cartazes



«Okarina», o melhor trecho de «Sua Excelência a Embaixatriz», em cartaz na Cinelândia e já criticado em «A Cena», graças ao serviço de Pré-Estréias do Rio e São Paulo.



Jane Powell e Farley Granger em «Senhorita Inocência». A Metro aproveitou a presença de Jane e Ann Miller a fim de lançar, no Rio e em São Paulo, êste filme.

mente analisado na página de abertura da A CENA de 27 de janeiro. E bem mereceu a classificação de ótimo pois é uma realização muito cuidada, sob todos os pontos de vista.

1 1/2 — "CANDINHO"

Também analisado em Pré-Estréia, na A CENA de 24 de fevereiro. Infelizmente, não satisfez esta nova produção da Vera Cruz. O nível ficou muito aquém de «Luz apagada», a anterior realização, tão bem recebida na crítica de «Cartazes em Revista».

1 1/2 — "ESCRAVOS DA BABILÔNIA"

Por ter sido estreado no Festival de São Paulo, êste filme figura, neste mesmo número, em «80 Pré-Estréias» do Festival, entre as páginas 4, 5 e 24-25. O filme é fraco.

3 — "OS ÚLTIMOS CINCO"

Arch Oboler, famoso rádio-dramaturgo americano já havia brindado o cinema com um belo filme: «Mundo de sombras». Nesta película, da Metro, abordou a doutrina espírita e fêz uma obra de destaque e profundamente estranha. Tão singular que a Metro não teve coragem de lançar o filme na Cinelândia, exibindo-o apenas nos bairros. Agora, na Columbia, a mesma circunstância vem de ocorrer pois a sua estréia se verificou no distante bairro de Ipanema, em uma segunda-feira de carnaval! A história é diferente e não foge de características bizarras. Domina a fantasia neste conto que figura a parcial destruição da humanidade devido à irradiação atômica. Resta um pequeno grupo que se reduz ou aumenta (nascimento de uma criança) vindo, com o epílogo, a ficar apenas em três pessoas. Primeiramente, deve ser destacada a beleza da composição plástica. Dado o sentido estranho do tema, Arch Oboler encontrou campo para tornar funcional a sua queda para os aspectos singulares. A narrativa tem belos instantes (o nascimento da criança) e tem, também, um sentido filosófico, embora por demais dialogado. Havia, na pequena

em revista

comunidade, um homem de má índole que não compreende a idéia dos outros, de implantarem um outro mundo, de bases mais humanas e sólidas. Daí uma série de pérfidos acontecimentos. O caso é que o assunto, dificílimo, exigia um arremate melhor e isto, precisamente, faltou na película. Agita uma série de motivos sérios mas não foi possível um arremate à altura. Os desempenhos satisfazem: William Phipps (Michael), Susan Douglas (Rossane), James Anderson (Eric), Charles Lampkin (Charles) e Earl Lee (Bernstaple). A fotografia é das mais belas a que assistimos nos últimos tempos. Filme para determinado público. Título original «Five», Columbia.

2 1/2 — "MULHER COBIÇADA"

Velha, de onze anos, essa «Mulher cobiçada» conta uma històriazinha bastante medíocre, da autoria do conhecido dramaturgo Jean Anouilh. Trama repisada e personagens e situações que pouca afinidade têm com a vida ou com sêres humanos. As personagens são símbolos, e os incidentes tomam as proporções de uma verdadeira tragédia. Anouilh mantém-se fiel à atmosfera negra e pesada que êle criou para seu teatro. A direção de Jean Crémillon captou muito bem o sentido do autor, o que vem reafirmar as qualidades do cineasta. Pois, como se sabe, o filme deveria ser realizado por Anouilh, e por causa de desentendimentos, apenas dez dias antes do início das filmagens foi Crémillon designado para substituir o autor de «Antigone». Mas o falso e o forçado estão presentes em quase todo o decorrer do filme. O que seria aceitável na realidade teatral, torna-se ridículo, para o realismo cinematográfico. A encenação final do «Pattes blanches», envergando a casaca só para atear fogo e perecer juntamente com o castelo de seus tetravós, passa da medida. A sugestiva direção de Crémillon não nos faz esquecer êsses defeitos, nem a apreciável contribuição da fotografia de Agostini, ou a justeza dos intérpretes. Fernand Ledoux repete um pouco sua criação de «A bêsta humana», mas ainda assim está excelente. Suzy Delair, ótima, num papel que parece ter sido escrito especialmente para ela. Paul Bernard, Michel Bouquet e Arlette Thomas, corretos. Título original: «Pattes blanches», produção Majestic, distribuída pela Art Films, exibida na linha do Rivoli.

1 — "RAINHA DOS RENEGADOS"

Lee Sholem, na direção dêsse filme, costurou uma verdadeira colcha-de-retalhos de clichês do gênero. Conta a rotineira história dos «western»,



«A guerra dos mundos», já criticada em «A Cena», mereceu quatro pontos, ótimo. Foi outra pré-estréia que «A Cena» antecipou aos seus leitores.

de roubos de gado, traição, etc. e nêle estão presentes os tipos imprescindíveis em todo o «far-west» que se respeita: a dançarina, o cherife, o vilão e os bandoleiros. Mas não se iludam com tudo isto; «A rainha dos renegados» não é filme que se presa. Seu enrêdo é insignificante, mediocremente transposto para a linguagem cinematográfica, pèssimamente interpretado. A sua ação se resume nalguns tiros, e algumas lutas entre os vilões e o anêmico cherife. Como mostra de degradante senso-de-humor, o diálogo compara uma mulher a uma rez, e essa é a amostra máxima de «gracinha» da parte do autor. No mais, considerações em tôrno dos perigos de neutralidade em caso de briga de vizinhos. E não procurem entender a psicologia dêsses «cow-boys», porque a coisa · extremamente complicada. As vantagens das traições, alianças e matanças nos escaparam por completo, e queremos apostar que o próprio autor do «script» quando o releu, coçou a cabeça: pensou e ficou na mesma. Uma cabeça que produziu êsse prodígio, não pode evidentemente compreender êsse arremêdo da humanidade que são seus personagens. Maureen O'Hara faz a dançarina, com falta de talento. Alex Nicol, perdido inteiramente no papel do cherife. O melhor desempenho é o do vilão. Título original: «Redhead from Wyoming», produção Universal International, estreada na linha do Odeon.

2 — "SENHORITA INOCÊNCIA"

A primitiva filmagem, com Janet Gaynor e Robert Taylor, sem qualquer fundo musical (filme de 1937), tinha o seu sabor. Agora, muito transformado, ficou um romancezinho «açucarado». Trata-se da jovem provinciana, modesta caixeira de uma loja, que encontra de maneira mirabolesca o seu galã. Êle, pertencente à «aristocracia» novaiorquina e espetacularmente rico. Como todo moço mimado, tem o seu carro e faz as suas loucuras no volante e vai parar na cadeia, sendo executor da lei, o pai da heroína. Marginando o romance central, há momentos fracos de coreografia, onde a falta de imaginação é absoluta, tornando-se a película na sua parte musical bem apagada. Ann Miller dança alguns números, e Bobby Van outros. Jane Powell canta e atua mal enquanto o seu galã é inexpressivo: Farley Granger. Entretanto, há um número musical notável enfiado de qualquer maneira no roteiro — Nat King Kole, cantando de maneira magnífica, é o ouro no meio da areia... Música, fotografia, «technicolor», direção, enfim tôda a exposição cinematográfica nada apresenta de atraente. Título original: «Small Town Girl», estreando no Metro.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

SEMANA DE 22 A 28 DE FEVEREIRO

3 — «ARMADILHA DE AÇO» («The Steel Trap», 20 th. C. Fox), com Joseph Coten, Teresa Wright e direção de Andrew Stone. Filme de «suspense».

«NÓDOA INFAMANTE». Produção da Warner, com Frank Lovejoy e Joan Weldon. Direção de Lewis Seiler. Título original: «The system».

«O LAÇO DO CARRASCO». Produção Columbia, direção de Roy Higgins, com Randolph Scott. Título original: «Hangman's Knot». (No Ópera).

«O PECADO ORIGINAL». Produção francesa, direção de Jean Cocteau, com Jean Marais e Josette Day. Título original: «Les parents térribles». (No Oásis).

«SENHORITA INOCÊNCIA». Produção da Metro, com Jane Powell, Farley Granger e Ann Miller. Direção de Leslie Kardos. Título original: «Small Town Girl». (No Metro).

«CAVALGADA DE PAIXÕES». Produção da Fox, com David Wayne e Jean Peters, Direção de Henry King. (No Ritz).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«OS FILHOS DE NINGUÉM» (6ª semana)
«VIOLETAS IMPERIAIS» (4ª semana)
«A GUERRA DOS MUNDOS» (2ª semana)



Estados Unidos...

(Continuação da pág. 15)

aparição pública no Loboro Theatre, em Santa Bárbara, na peça "The Golden Ball", uma fantasia para crianças. Na Universidade da Califórnia foi considerada a melhor atriz de teatro, pela sua caracterização de Birdie, na célebre peça "The Little Foxes". Daí, então, decidiu tornar-se profissional, matriculando-se na "Pasadena Playhouse", onde cursou durante um ano. Casou-se com Jeffrey em 1950 e considera-se a mais feliz das criaturas e tem um filho, nascido em 1952. O seu primeiro filme foi "First Legion", na Paramount, ao lado de Charles Boyer. A seguir, "Quebec", "Molly", "Flaming Feather" para, então, com "When Worlds Collide" (O fim do mundo), ganhar o "estrelato". Seguiram-se "It Came From Outer Space", "Taza, Son of Cochise" e "Magnificent Obsession", a refilmagem do grande êxito de outrora. Barbara conquistou reais simpatias em São Paulo e pena não ser muito conhecida do grande público.

"Estrêlas" do Japão...

(Continuação da pág. 14)

"barulho de crescimento" da metrópole paulista durante a noite. Da janela do seu apartamento quedou-se, muitas vêzes, a escutar, de diferentes pontos em plena madrugada ou, então, cêrca de meia-noite, êstes ruídos, longínquos ou próximos. Trata-se das contínuas escavações de máquinas, perfurando o solo, a fim de erguer mais "arranha-céus". Grande foi a sua surprêsa ao verificar que essa vontade de crescer não pára nunca e, também... perturba o sono. Delicada, sensível e simpática, esta grande atriz do cinema e do teatro japonês deixou algo além da sua arte, na sua estada em São Paulo.

Michiyo Aratama, que o público presente ao Festival admirou no filme oficial da Embaixada do Japão, "A espôsa", contou para A CENA que tem já sete filmes no seu país natal mas que, de todos, prefere o seu desempenho de "Os sete samurais". Divergiu bastante da sua colega, pois não foi o progresso material de São Paulo a sua mais destacada lembrança da capital bandeirante e sim de atordoamento, de devaneio. Não sabe exatamente elucidar a origem de tudo mais a sugestão que guardará, ante o choque de uma primavera viagem ao Ocidente é de puro sonho. As personagens, os gestos, atitudes, os acontecimentos, as festas tudo assim lhe pareceu... Assim, aí está o Oriente !

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novissima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

França...

(Continuação da pág. 18)

só de humor" e esta característica a levaria, mais tarde, a encontrar facilidades na arte de representar. Entretanto, na sua carreira, custou o cinema a tomar vulto. Foi vendedora, em "atelier" de costura e, a seguir, modêlo de revistas parisienses. Ganhou o concurso "Miss Arco do Triunfo" e, assim, como prêmio, foi para os Estados Unidos, contratada como "co-girl" de forte emprêsa de publicidade. Na sua volta da América foi que encontrou campo para a ribalta. Do Teatro Antoine passou ao Mathurians e, a seguir, passou, em "tournée", com o grupo dos "Comediantes", a criar nome. Foi Leonide Moguy que, em 1951, a descobriu para a tela, dando-lhe bom papel em "Les Enfants de l'amour". Ao regressar à França fará um filme de co-produção com a Itália, em côres: "Le Cavalier des Pyramides".

Itália...

(Continuação da pág. 19)

pré-fixar o cinema. Deixou Veneza, logo que se tornou maior e, mesmo contra a vontade da família, procurou Roma, com esta finalidade. Na capital as coisas não sucederam, a princípio, conforme esperava. Mas, afinal, Pietro Germi a conheceu e ofereceu a tão ambicionada "chance" em "A cidade se defende", recentemente estreado no Brasil. A seguir, logrou um dos principais papéis no notável "Garôtas de Praça de Espanha", de Luciano Emmer. Seguiram-se, inéditos para o Rio. "Il brigante di Tacca del Lupo" (de Germi), "La voce del silenzio", de Pabst e "Musoduro", apresentado, em estréia-mundial, em São Paulo, durante o Festival.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME..............................
RUA...................... Nº. ....
CIDADE..............................
ESTADO..............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



QUER SER ESCRITOR?

Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.



Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro.

Preço: Cr$ 50,00.

NO PRÓXIMO NÚMERO, CURIOSAS REPORTAGENS: "ÍDOLOS DA TELA EM ESTADO CRESCENTE; "O ATOR DAS MIL MÁSCARAS"; "OS GRANDES FILMES FRANCESES" E TÔDAS AS GRANDES SESSÕES DE A CENA



MAMIE VAN DOREN

★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES ★

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO





1953
num desfile sensacional e empolgante

ASTROLOGIA ★ CIÊNCIA ★ RELIGIÃO ★ POLÍTICA ★ LITERATURA ★ HISTÓRIA

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS ★